

**GUIDA MONTEIRO DE BARROS**

# **ITINERÁRIO DE UM DRAMA ÚNICO**



*Edições Loyola*

ca das Fontes

GUIDA MONTEIRO DE BARROS

ITINERÁRIO  
DE UM DRAMA ÚNICO



EDIÇÕES LOYOLA  
São Paulo  
1 9 8 1

A Deus — o meu Senhor — sob cujo  
olhar da verdade pude escrever este  
livro — ofereço-o. Consagro-o. Agra-  
deço ter conseguido fazê-lo.

*Guida*

À memória de meu Pai e

Ao Professor  
Dr. Carlos Barbosa —  
responsável por este livro, lançando-lhe  
a semente com a palavra “ESCREVA”.

À Professora  
Maria Lídia Gomes de Matos —  
que acompanhou todo seu desenvolvimento  
num estímulo constante.

A minha querida Mamãe — a quem devo  
a própria vida.

A minha irmã H. que vive em cada página  
da minha recuperação — em todas as suas  
entrelinhas.

A especial e inesquecível amiga M. M. — o meu “SOL”.  
Instrumento de DEUS na transformação da minha vida  
ensinando-me a aceitar a DEFICIÊNCIA FÍSICA.

A todos os que passaram pela longa estrada  
de minha vida fazendo-me mais feliz.

A todos e todas que contribuíram para que este livro  
fosse publicado, não poupando esforços para que ele  
saisse em 1981 — o ano do DEFICIENTE FÍSICO —

dedico este livro carinhosamente.

## PREFÁCIO

CLARICE LISPECTOR

Fazer prefácio não é o meu forte. Mas este livro é diferente. A escritora é uma moça que modestamente assinou um pseudônimo atrás do qual a verdadeira e grande pessoa se esconde.

O mergulho em si mesma que ela deu me emocionou profundamente. É que depois que teve uma parada cardíaca, isto é, depois que experimentou a morte — travou e resta mais humana, vital e divina que existe. Acordando da parada da vida, não sabia qual era o próprio nome, onde estava ou o que lhe acontecera e o que era. Estava na noite escura do tempo.

Então, agrarrou-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Mas quem, ela não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá.

Este livro é muito importante e prende a atenção de um leitor ávido. Acho que, recomendando a sua leitura, estou prestando um raro favor aos leitores.

Existir é o nosso glorioso dever. E a moça felizmente existe. Agora até sorri, o que lhe dá grande encanto ao rosto. E nós sorrimos com ela. Desejo que continue a escrever porque ela tem o dom da palavra: o talento.

## CAPÍTULO I

### A NOITE DOS MIL NOMES

Fins de verão de 61. Aí começa meu drama. MINHA HÉRNIA DE DISCO atinge proporções alarmantes. Diagnóstico: HÉRNIA ESTRANGULADA — opera ou morre. Constrangida pelos que me querem viva, decido-me pela operação. Constrangida. Prefiro morrer.

É um dos hospitais mais bem equipados da Grande São Paulo. Fui internada domingo pela manhã: o último domingo de fevereiro daquele verão de 61. Começam logo os exames pré-operatórios. Nunca, em todos aqueles meses precedentes, eu sentira uma dor tão violenta como aquela — a da punção que me fizeram na espinha — na região lombar para a injeção de contraste que permitisse a radiografia.

Naquela vez chorei de dor — a única vez em que chorei de dor antes e depois de operada.

Depois das quatro horas e meia de operação, naquele 28 de fevereiro — uma terça-feira — retiraram-me da sala de operações.

Desceram-me para o andar imediatamente abaixo: dizem-me mais tarde que é o andar da recuperação (CTI).

Para aí já fui em coma e logo hibernada. Começa o meu drama: uma luta titânica travo dentro de mim mesma. Dela não há testemunhas. Eis a luta: minha única preo-



cupação é firmar-me em minha personalidade — “Sou...” e digo o meu nome e repito-o milhares e milhares de vezes. Milhares de vezes o repito. Tantas, tantas quantas meu cérebro conturbado pelo insucesso da operação o permite. Nunca falei disso a ninguém.

Durante a hibernação esta é a minha única manifestação consciente de vida. É a minha tentativa de agarrar-me à vida agarrando-me a meu nome. Ele é — em última análise — minha personalidade. É a única tremenda realidade de que enxergo do escuro em que estou sepultada.

Continuo sem saber onde estou. Por que estou. Como estou. Quem sou. Minhas noites transformam-se em dramas sobre dramas. Ou melhor: um único drama — uma única e interminável noite que faz a realidade.

É cheia de pedras. Fantasmas. Pesadelos. Nomes. Trevas. Angústias. É um querer sem poder.

O penhasco a que me agarro no volteio das noites — da noite em que estou submergida — meu nome... Sucedem-se as noites. Não: a única noite feita do rolar de muitas pedras. Nomes. Fantasmas. Angústias. Pesadelos. Trevas. E mais pedras. Nomes. Pesadelos. Angústias. Fantasmas. Nomes. Trevas. Nomes. Pedras. Fantasmas. Nomes. Trevas...

Nesta longa noite debato-me. Agito-me. Angustio-me. Torturo-me — nesta única noite feita de muitos fantasmas.

Aí aumenta e cresce o meu drama: o golpe é violento demais — a operação fracassa. Há uma parada cardíaca.

É na sutura do último ponto que se dá o desastre —  
A PARADA CARDÍACA SEGUIDA DE MASSAGEM CARDÍACA.

Quantas tolices são ditas à beira de minha cama durante estes momentos terríveis e nos seguintes?! Não sei. Sei apenas que carrego pela vida muitas limitações — limitações demais — que suspeito tenham bloqueado meu cérebro superimpressionável naquela hora — horas tão importantes — tão delicadas.

A parada cardíaca deixa suas marcas. E que marcas?... Para uma existência inteira. Não terá sido a massagem cardíaca com a repetição de movimentos — a causadora dos

inúmeros movimentos repetitivos que me marcaram tão profundamente?

Esses movimentos repetitivos fazem até hoje o drama — a trama da minha vida. Enervam-me. Irritam-me. Exasperam-me.

Ah! o soro! Ah! as sondas! as sondas eram ligadas ao intestino: uma. À bexiga: a outra. Só mais tarde a enfermeira — aquela enfermeira particular me fala delas. Há uma outra sonda mais terrível — da qual conservo alguma lembrança — que me introduzem pelo nariz para alimentação — detesto-a. Causa-me náuseas. Do fundo de minha noite vejo um pedaço de esparadrapo branco no nariz a fixar lá a sonda que vai até o estômago. Lembro-me do suplício. Uma das poucas recordações externas que tenho... Lembro-me da hora em que a retiram. A partir de então começo a alimentar-me normalmente.

É o soro? Furam-me tanto os braços. Picam-me tanto as veias que em breve elas não reagem mais. A desastrosa idéia: aplicar-me o soro nos tornozelos. Eu imóvel. Imobilizada. Tenho uma vaga idéia de esparadrapos a manterem enormes agulhas a me furarem os tornozelos. Dessa tortura tenho até hoje as cicatrizes nos dois tornozelos. Testemunhas vivas. Testemunhas atuais da verdade.



## CAPÍTULO II

### SESSENTA DIAS NO HOSPITAL

De maca como já fizera tantas viagens no hospital faço mais uma. Saio do CTI... Vou para o segundo andar. Aí ficarei até o fim de minha permanência.

Lá há um fato importante: numa manhã ouço duas enfermeiras dizerem num fim de frase — “dia da Anunciação”. São estas as primeiras palavras que escuto. Escuto e acordo. Primeiro escuto. Depois enxergo. Era uma manhã cinzenta. Então desperto. Desperto e pergunto: “QUEM SOU EU? E imediatamente após: “QUASE UM MÊS?”

Lembro-me com estranha nitidez de que fora operada a 28 de fevereiro e que a Anunciação é no dia 25 de março. Esta lucidez conservo até hoje. As enfermeiras esperam tudo de mim menos estas duas perguntas. A primeira, porque desconhecem meu drama. O drama do nome. A segunda, porque jamais pensariam que eu despertasse com tal lucidez. São as únicas palavras que digo. Caio depois no mais profundo silêncio.

E eu despertei naquele fim de frase. Este caso é contado e recontado a todas as pessoas que vão visitar-me. Tantas vezes contado e recontado que eu nem me emociono mais. As palavras muitas vezes repetidas roubam da vida aquele pouco de poesia que a vida quer oferecer.

Outro fato importante desta fase. Vem encher-me as manhãs de uma alegria inesperada: a ida do capelão do

Hospital. Traz o REI DA PAZ. E o REI DA PAZ enche meus dias — meus dias inteiros daquela Paz que o mundo não pode dar.

Ele parece querer compensar-me do mal que me fizeram. Parece querer compensar-me das noites mal dormidas. Todas as manhãs durmo cerca de duas horas depois da visita do REI DA PAZ. Sempre adormeço depois. Talvez a luz da manhã ajude. Seguem-se dias de inteiro silêncio.

Aquela tranqüila visão de Deus... Deus está lá naquele quarto de hospital. Respiro-o tranqüilamente. Em dias de silêncio. Com aquele olhar que estivera fechado às cores da vida agora vejo o meu Deus — o REI DA PAZ. Na transparência e limpidez de Deus. Na simplicidade e transparência de meu olhar.

Na monotonia desses dias. Dias feitos de silêncio. — Silêncio forçado — minha cabeça não pára. Só não posso falar. E aí que percebo a mais dura consequência da minha operação: a fala fora afetada. Hoje eu falo, mas com alguma dificuldade: é uma fala enrolada — difícil — exaustiva.

Assim bloqueada: cercada de todos os lados não consigo comunicar-me.

Surge aquilo que seria a tônica de minha vida: o grito de angústia que lanço a Deus do mais profundo do meu ser: BUSCA-ME SENHOR.

Mas aquele que parece o Rei da Paz. Aquele que parece vai libertar-me, não me liberta. Deixa-me lá plantada naquele leito de hospital. Plantada depois pela vida a forma. Sempre bloqueada. Sempre com aquela dificuldade para expressar-me. Sem poder falar o que eu quero. Como quero. A quem quero. Quando quero.

Lembro-me do primeiro dia em que me sentam na cadeira desencostada dos travesseiros. Não agüento... A experiência dura apenas uns segundos.

Lembro-me do dia em que pela primeira vez me sentam numa cadeira — recostada num monte de almofadas — não agüento nem três minutos: logo preciso ser de novo transportada para a cama.

Lembro-me de um médico dietista que vai todas as manhãs ao meu quarto para perguntar-me o que desejo comer.

Lembro-me de como é: moreno. Magro. Cara de nordesta. Interessante a minha invariável resposta: “PÊRA”. Não me lembro disto. Daí nasce uma confusão: muitas visitas levam-me peras: a mim que sempre detestara peras.

Lembro-me de uma noite em que capto as palavras “hemiplégica do lado direito”. Imediatamente constato aquela dura realidade. Haverá realidades que não me sejam duras? Nada falo sobre aquilo — vou recolhendo dados: hoje um. Amanhã outro. Um aqui. Outro ali: quando saí do hospital já era capaz de fazer uma síndrome completa do que tivera — do meu estado, salvo do que deliberadamente me ocultaram: *a parada cardíaca — a massagem cardíaca.*

Sessenta dias no hospital: já não lhe agüento o cheiro. A comida. As cores. As janelas. Aquela que é a primeira massa exterior com que travo contato depois que acordo do meu longo sono parece-me já insuportável. O hospital é o palco de muitas humilhações. Humilhações demais. Quero sair do hospital. Já não lhe agüento a cama. O quarto. As caras dos médicos — das enfermeiras. Até as visitas já me irritam.

Atmosfera pesada.

É dia 26 de abril. Há sessenta dias eu fora internada.

De maca, como fora tantas vezes de sala para sala — de quarto para quarto — de andar para andar, vou até a camioneta que me leva para casa. Aí recomeça o meu drama.

### CAPÍTULO III

#### MINHAS MANIAS

Continua o ano de 61. Os movimentos repetitivos que mais tarde farão de minha vida um inferno já começam a desenvolver-se no drama — na trama de minha existência.

Sinais da cruz multiplicam-se. Não os posso frear, controlá-los. Este é o germe de toda aquela gama de movimentos repetitivos. Compulsivos. Incoercíveis. Obsessivos. Descontrolados. Eles fazem de mim uma pessoa nervosa — tensa — cheia de tiques. São as minhas “manias”. Elas chegam depois até o infinito nas suas repetições. Parece não levar-me à loucura.

E minhas “manias” prosseguem cada vez mais acen- tuadas sem que eu possa dominar-me. Controlar-me. Quem? Não consigo. Já não são os sinais da cruz somente. Aparecem muitos outros movimentos repetitivos. Em mim e fora de mim. São fortemente compulsivos. Revestem-se de caráter obsessivo. Neste labirinto de minhas “manias” não posso detê-las. Não consigo controlar-me. Quem poderia controlar seus impulsos incoercíveis?

De onde me terá surgido aquela idéia de que a vogal O é prejudicial? Nociva? De mau agouro? E de que a vogal A é de bom agouro? Favorável? Benéfica?

Esta mania conservo-a até hoje, já transposta para um outro plano, para mim muito fundamental — quase to-



das as manias conservo-as até hoje. Não consegui libertar-me delas. Conseguirei algum dia?

De onde a idéia de que o algarismo TRÊS e seus múltiplos são-me também altamente prejudiciais? Nocivos? De mau agouro? Um mecanismo estúpido forja então meu cérebro. Penso que repetindo três vezes as palavras em que há a letra O anulo seu efeito negativo. Se na terceira repetição ainda não me entenderam — o que muitas vezes acontece, elevo a seis — a nove etc... o número de repetições. Esta repetição *obrigatória cansa-me* — *deixa-me exausta*.

De onde o estranho reflexo forjado por minha cabeça para condicionar as letras B e M (do Busca-Me) a certos e determinados movimentos? Quanto mais me preocupo com eles mais os faço. Nada posso fazer para controlá-los. Apenas os constato em mim. Observo-os com um imenso desgosto. *Com vergonha imensa. Com imensa revolta*.

*Revolta-me por quê? Contra quem? Não sei. Neste plano dos movimentos e das "MANIAS" não sei a quem atribuir a culpa. Talvez a mim mesma: à minha mente confusa.*

Se me chamam a atenção é que faço mais ainda. Sem parar. Então os faço freneticamente — nervosamente — afobadamente. Ruborizo-me. Enrijeço-me. Com as mãos rijas vou multiplicando as "manias".

Os sinais da cruz acho que já sei por que os faço: talvez para que fale com facilidade. Talvez para que fique completamente boa. Talvez para que alguma coisa dê certo. Por que os múltiplos? Não sei.

Bobagem: isto não é nada — é falta de disciplina — dirão alguns — mas faz o meu drama.

Há coisa de uns 6 ou 7 anos começa uma nova "mania": consiste em acender e apagar as luzes uma porção de vezes seguidas. Ininterruptamente. Não me lembro acerto de quando isto começou. Nem como ou por que começou. Mas torna-se ponto de conflito entre mim e os que comigo convivem em qualquer parte em que esteja.

Aí entro em desespero. Só quero morrer. Eu que antes já desejava a morte como a única saída para a minha vida — desejo-a desesperadamente. Fico desnorteada. De-

orientada. Desatinada. Quero morrer. Esta é a única solução que vejo diante de mim. Quando reclamam de meus toques na luz. Quanto mais reclamam mais toco a luz: acendo — apago — apago — acendo. Assim sou capaz de ficar instantes que me parecem eternidade. Quando consigo desgrudar-me da tomada elétrica estou afogueada. Rubricada. Sinto-me uma criminosa porque aqui interfiro no bem-estar do outro — o meu drama.

Até serviços acham-se no direito de chamar-me a atenção: "Você queima a lâmpada". "Vai botar fogo na casa"...  
Curo...

Esta mania é a pior de todas. A única que interfere diretamente na vida e descanso dos outros. Parece que vai levar-me à loucura. Não me levou ainda. Talvez nunca me leve. Nem à morte que tanto desejo.

Há os sinais de negação com a mão direita. Sinais desiguais com a realidade. Faço-os como uma verdadeira artista.

Todas as minhas manias resumem-se em hábitos ridículos, em contrações involuntárias. Isto as físicas. Há ainda as mentais.

Haverá os que se riem disto tudo. Eu sei. Já encontrei muitos que se riem das minhas manias como também da minha fala — do meu andar: GENTE QUE NÃO É GENTE... Gente que faz o meu drama.



## CAPÍTULO IV

### GENTE QUE NÃO É GENTE

Todos nós no decorrer da vida encontramos GENTE desta espécie: GENTE QUE NÃO É GENTE... GENTE QUE VIVE DISTANTE...

Ainda mais eu que com todas as minhas deficiências físicas me tornara um prato apetitoso. Um prato delicioso para quem gosta de zombar dos que eles na sua estupidez julgam inferiores.

Aqui sofro muitos golpes. Golpes que me feriram: uns menos tristes. Outros mais tristes.

Desde São Paulo. Era uma tarde ventosa e fria. Dessas tardes em que a asma me entra pelo peito penetrando-me nos brônquios. Tenho muita asma também.

Certa vez, numa farmácia, escuto um balconista dizer para o que me servia: "Ela é boba. Não entende nada". Julgam pelo que vêem. Não penetram as aparências. Este conceito se baseia na minha dificuldade para falar. Nem são em sua imbecilidade capazes de descobrir que atrás daquele que apenas repete "Tá. Tá. Tá. Tá"... haja talvez, uma cabeça muito superior às suas.

Nesse dia o sangue ferve-me nas veias. Saio de lá acalorada. Afogueada. Apesar da tarde ventosa e fria...

As palavras "Ela é boba. Não entende nada" não me saem da cabeça. Dos olhos brotam lágrimas quentes, em minha caminhada para casa, naquela tarde ventosa e fria...

Acima, refiro-me à *imbecilidade* daqueles balconistas: não é um termo muito forte. Confirma-o seu procedimento posterior. Todas as vezes em que volto àquela farmácia eles me imitam repetindo sempre *três vezes*: “Olha o troco. Olha o troco. Olha o troco... Olha a notinha. Olha a notinha. Olha a notinha... Guarda dentro da bolsa. Guarda dentro da bolsa... Se não perde. Se não perde. Se não perde...” etc... Riem-se de mim na cara. Zombam de mim. Imitam-me. Como naquela tarde ventosa e fria... Juro nunca mais voltar lá. E não volto.

Digam agora se estes não são uns pobres coitados. Se não são **GENTE QUE NÃO É GENTE. GENTE QUE VIVE DISTANTE. VIVE? TALVEZ NEM VIVA. TALVEZ APENAS VEGETE. NADA MAIS...**

Isto me magoa bem lá no fundo. Lá no fundo onde está Deus — o meu Senhor a quem eu peço com lágrimas nos olhos — lágrimas quentes, que me liberte. Aquele que é meu libertador não me liberta. Deixa-me plantada pela vida afora como me deixara plantada lá naquele leito de hospital há tantos anos atrás.

Outro fato que também me desola se dá numa tarde em que saio decidida a comprar duas saias de inverno. A primeira, compro-a facilmente. Para comprar a segunda tenho que passar por muitas humilhações.

Numa loja de Copacabana — onde moro — a balconista vendo aproximar-me com um pedaço de papel — um bilhete em que levo as especificações da saia que quero: “DE LÃ, MARROM OU CINZA”, afasta-se de mim dizendo — “Não! Não tenho dinheiro nenhum para dar. Estou dura.”

Toma-me por uma dessas muitas pedintes que vão angariar esmolas — naquele caso — para os mudos. Calcularia... Nessa casa eu não me deixo vencer: vou à gerente que me atende delicadamente diante do espanto da caixeirinha... Saí triunfante.

Com um bilhete. Único recurso de que disponho para comunicar-me, lá vou eu de casa de modas a casa de modas. De “boutique” a “boutique”. Nem sempre bem sucedida. No final da tarde vou para casa com as duas saias. Ambas de lã: uma marrom e outra cinza.

Sempre me utilizo deste recurso — dos bilhetes — para conseguir o que eu quero.

Muitas vezes há quem me irrita: pessoas que me julgam também surda e que escrevem as respostas não sabendo que não sou surdo-muda.

Na verdade nem muda sou: tenho apenas uma grande dificuldade para expressar-me. Para comunicar-me.

Até padres a quem eu me confesso escrevem nas costas de meus bilhetinhos a penitência... Às vezes até os conselhos. Detesto tais situações. Que posso fazer? — *Nada*.

Há pessoas mais argutas — em várias esferas — que me perguntam: — “Escuta bem...”

Nem são tantos “os lorpas e os pascácios da objetividade” — como diria Nelson Rodrigues.

Há ainda outra espécie de pessoas que não suporto: Pessoas *conhecidas*. Com quem “converso”. Que comigo “conversam”. Que não me ouvem. Não param de falar um minuto quando “conversam” comigo: parece que têm medo de “ouvir” meu silêncio... Falam o tempo todo. Falam ininterruptamente. Nem me dão a “chance” de responder ao que me é perguntado.

Estas pessoas — já as classifiquei. São gente insegura. Gente de pouca inteligência. Gente que se sente incapaz de manter um diálogo comigo por medo de não entender...

É GENTE QUE NÃO É GENTE... GENTE QUE VIVE DISTANTE... GENTE SIMPLÓRIA... GENTE IGNORANTE...

Há pessoas: muitas pessoas que falam comigo bem devagar. Muito bem ex-pli-ca-do. *Como se eu não escutasse bem*. Pessoas que mesmo depois de avisadas de que eu escuto continuam a so-le-trar pa-la-vras. A falar-me como se eu não entendesse — será que me julgam burra?

Outra circunstância sempre dolorosa para mim. Quando na rua param para olhar-me passar. Aí descontrolo todo o meu andar. E há os que se riem de mim. Há os que passando por mim dizem: — “Coitadinha!” Esta palavra irrita-me. Perturba-me. Mexe com meus nervos. Uns perguntam-me: — “É reumatismo?” ou: — “Foi derrame” — “Enfarte?” — “Trombose?”

Ah! maldita curiosidade dessa gente — GENTE QUE NÃO É GENTE... GENTE QUE VIVE DISTANTE. GENTE IDIOTA. VAZIA.

Há muita gente por aí: GENTE QUE NÃO É GENTE. GENTE SIMPLÓRIA. AUTO-SUFICIENTE. PRESUNÇOSA. GENTE TOLA. IGNORANTE. Muita gente há que VIVE DISTANTE. VIVE? TALVEZ NEM VIVA... TALVEZ APENAS VEGETE...

Há também aquela cabeleireira que depois de dizer-me gratuitamente: “Você vai sair daqui muito bonita. Não me responsabilizo pelo que lhe possa acontecer etc. etc...”, acrescenta para sua ajudante: — “Dá um trabalho!...” Como se eu tivesse pedido algumas daquelas palavras... Alguns daqueles falsos elogios. Elogios com o sabor amargo de falsidade. Como este muitos outros: sempre o amargo sabor da falsidade. Sempre a falsidade. Com sabor de amargura.

ESTA GENTE TODA passa por minha vida. Passando vai contribuindo para meu drama. Fazendo-me mais infeliz...

Ao lado dessas pessoas há gente — GENTE QUE É GENTE... GENTE COMPREENSIVA... AMIGA... TOLERANTE... GENTE que não ricocheteia as minhas manias... Que não me pergunta sobre o que tive... Que não é mordida pela maldita curiosidade... Que faz que não vê o que vê... É GENTE CONHECIDA E DESCONHECIDA... GENTE que parece considerar-me normal. Que “faz de conta” que eu sou normal. GENTE de quem eu me sinto amiga... Que me considera logo amiga...

GENTE que me quer bem. Que gosta de mim apesar de todas as minhas deficiências, de todas as minhas manias.

Eu o percebo. Sei perfeitamente quando me dispensam consideração. Sei quando julgam que sou anormal ou boba. Não é preciso que me façam perguntas para eu perceber... Sei perfeitamente. Nem é preciso que me dirijam a palavra: eu não sou nenhuma idiota... Nada me passa despercebido... Eu o vejo... Eu o sinto... Eu o presinto.

À minha volta há muita GENTE QUE É GENTE... GENTE que me faz mais feliz. Que contribui *para que minha vida seja mais vida*... Para que meu drama não seja tão drama...

## NOTA EXPLICATIVA:

A primeira vista poderia dar a entender que me preocupo excessivamente com compras. Escolha de roupas. Não é bem assim: ÚNICA INTENÇÃO. FINALIDADE EXPRESSA DESTE CAPÍTULO: MINHA AUTODETERMINAÇÃO. AUTONOMIA. LIBERDADE. CORAGEM para sair de casa só. Fazer compras. Compras de roupas mais difíceis para mim, uma DEFICIENTE FÍSICA: andava com dificuldade. Falava com dificuldade. No "FRIGIR DOS OVOS" não interessa ao leitor. Nem a mim: qualidade. Quantidade.

Comprar roupas. Ter de escolhê-las. Experimentá-las: GRANDE VITÓRIA. Não as roupas em si — simples objeto *instrumental*: INTERESSA o esforço da compra de cada uma. INTERESSA A VITÓRIA. QUE ESTA JÁ É MINHA.



## CAPÍTULO V

### MARCOS DE FRUSTRAÇÃO

Ainda 61. Lembro-me do dia em que pergunto à enfermeira o que são aqueles pontos que tenho no peito. Tenho-os do lado esquerdo à altura do coração. Resposta da enfermeira: “o médico foi obrigado a fazer a cisão naquele lugar por causa de sua gordura”. Todos os dias à hora do curativo fico a pensar. Penso no que seria aquilo — muitos anos vivo na “ignorância” de que sofrera uma parada cardíaca e em conseqüência a massagem cardíaca. A enfermeira dá-me esta desculpa. *Acho estranho que tenha sido de um lado só.* Escondem deliberadamente de mim o acidente. E eu não desconfio de que tivera a parada nem a massagem cardíaca.

Este, sem dúvida, o ano mais penoso de minha vida. Começo a andar só dentro do quarto. Dou alguns passos apenas. Logo caio se não me seguram. Perco o equilíbrio muitas vezes, quando ando de ré. De frente ando muito depressa, corro contra minha vontade. Não posso frear: caio.

Nesse ano vou a Aparecida do Norte. Dizem-me que Nossa Senhora fará o milagre da minha cura. Aí eu já ando e falo muito mal ainda — ando trôpega, sempre ameaçada de cair — e falo com voz rouquenha: sons quase desarticulados que poucas pessoas entendem. Vou à Aparecida e não fico curada. E eu acreditara. Para quê? Primeiro marco de frustração.



Nesse ano quero saber tudo o que me aconteceu. Com a voz rouquenha que poucas pessoas entendem vou indagando: até quando ficarei assim? Lembro-me de que um dia pergunto a um médico quando ficarei boa. O médico, um *irresponsável* — como *irresponsáveis* eu encontro muitos depois pela minha caminhada nas estradas da vida, diz-me pensando naturalmente que está falando com *uma débil mental ou uma boba* que no Natal já estaria curada. Tantos Natais já passaram e passarão *talvez ainda* sem que eu fique boa. E eu acreditara. Para quê? Outro marco de frustração.

Depois de minha ida à Aparecida, um outro pedido acrescento ao do “BUSCA-ME SENHOR.” — E “CURA-ME, SENHOR.” Mas aquele Deus, o meu SENHOR, que é meu libertador, NÃO VEM BUSCAR-ME NEM CURAR-ME. Abate-se sobre mim com todo o seu peso de Onipotente e *me envolve toda*. E eu o amo. E Nós nos amamos. . .

E EU O “VEJO” E “ENXERGO” E O AMO. Mas é só o que Deus — o meu SÊNHOR me dá. Da cura que tanto desejo e que lhe peço com tamanha insistência, NADA!

Em São Paulo mais experiências negativas a respeito da minha cura. Experiências amargas. Experiências que me marcam. Marcam-me profundamente. Dizem que vão levar-me a um padre que vai curar-me.

Vou e não fico curada. Esse padre ainda “inventa” que com uma punção na base do crânio ficarei curada. Eu — temerosa — (lembro-me das dores horríveis que sentira quando da punção que me fizeram na espinha) — e esperançosa (vejo finalmente, abrir-se diante de mim uma porta). Estou mais esperançosa do que temerosa. Sempre resta a possibilidade de uma anestesia. Não tenho medo de outra anestesia geral. QUEM SABE SE ATÉ NÃO PODERÁ SER-ME FATAL? Entre a negativa de meus familiares e a do médico neurologista, sou obrigada a renunciar à idéia. Dizem estes que no crânio não se mexe — que aquele padre é um bruxo — um feiticeiro — um charlatão. Fui a ele e não fiquei curada. E eu acreditara. Para quê? Outro marco de frustração.

Muitos anos mais tarde ainda em São Paulo levam-me a um parapsicólogo. Ele poderá curar-me. Fui e não fiquei curada. Eu acreditara. Para quê? Outro marco de frustração.

Esta de parapsicólogo atinge-me mais duas vezes ainda: uma — em Vitória — outra — no Rio. E eu sempre acreditando. Mais dois marcos de frustração. Para que acredito?

Em Vitória convidam-me a visitar o santuário da Penha. Asseguram-me que Nossa Senhora vai curar-me. E eu acredito. Para quê? Outro marco de frustração.

No Rio levaram-me a um médico neurocirurgião. Dizem-me que pelo hipnotismo ele poderá curar-me. E eu acredito. Para quê? Vou e não fico curada. Outro marco de frustração. O médico não fez nada porque me acha muito tensa. Que culpa tenho eu de ser tão tensa? De ser uma hipertensa?

Sucedem-se os marcos de frustrações, pela vida afora... São marcos — marcas profundas que carrego em mim e que constituem o meu drama.

## CAPÍTULO VI

### O DOM DA FALA

Chega o dia em que começo a impressionar-me com o dom da fala. Observo como os outros falam tão corretamente — tão fluentemente. Não consigo falar. Observo como pessoas sem instrução falam. E eu com meu curso universitário não consigo falar — ou ao menos falar como quero.

De que me adiantou cursar a Universidade — saber latim e grego se nem meu próprio idioma consigo falar? É uma pergunta que — como muitas outras ficarão sem uma resposta. Por que não falo? Por que a parada cardíaca?

A Universidade: a coisa mais sem sentido para mim atualmente. Não entendo por que a fiz. Agora vivo num mundo sem horizontes e sem futuro. Bloqueada como estou de todos os lados. Cercada pelo inferno dos meus movimentos repetitivos. Pelo inferno da dificuldade de comunicar-me.

Bloqueada pela barreira da falta de comunicação. O meu SONHO antigo do magistério é hoje apenas SONHO. Voltarei ainda a lecionar? Não sei...

— É evidente que não.

A Universidade — meu sonho. O sonho da minha mocidade reduzido a NADA. E todo o latim todo o grego já se foram por água abaixo...

Observo como as pessoas falam. Ouço — escuto durante horas inteiras as pessoas conversarem. Fico com inveja. Às vezes com raiva. Raiva de não ser como os outros. Para quem falar não é uma arte. É, antes, uma coisa maquinal. Uma coisa feita sem esforço. Uma coisa feita sem pensar. E eu embrulhada com o mecanismo teórico da fala, não falo. Fico revoltada. Esta revolta tenho-a muitas vezes. Basta tocar o telefone. Alguém atende. Entabula conversa...

Nas ruas. Nas esquinas. Pelas esquinas da vida todos falam. Todos conversam.

Isto me corrói. Tira-me da vida. Marginaliza-me de certa maneira. Detesto quando me chamam ao telefone: já sei quais as dificuldades que encontrarei se quiser expressar alguma coisa. Coisa simples. Coisa corriqueira.

A fala é o ponto nevrálgico de meu "status quo". É a causa de minha falta de entusiasmo pela vida.

Dizem-me alguns idiotas: "Mas você poderia ter ficado muda — o que seria infinitamente pior". Não nego. Nem há o que se negar. Mas não fiquei muda — só fiquei com uma tremenda dificuldade para falar. Isto já me basta. É meu infortúnio... Para que considerar agora o que poderia ter acontecido e não aconteceu? Também poderia ter ficado cega. Surda. Sem inteligência. Sem memória. Paralítica. Boba. Não fiquei...

Sou incapaz de manter uma conversa: meu maior drama. Maior. Muito maior que as minhas manias que tanto me vexam.

Pudesse eu falar normalmente, seria a pessoa mais feliz da terra. Não posso. Esta dificuldade põe-me fora da vida. DA VIDA QUE EU TANTO AMAVA... Fora da vida em que estou mergulhada. Imersa. — Em pleno mar. Sacudida. Carregando na alma minhas irremediáveis amarguras.

Se não posso falar, posso escrever. Aí ponho tudo de mim: são críticas literárias. Cartas — a minha imensa correspondência. Acrósticos que faço para pessoas queridas. Contos. Muitos contos. Poesias. Várias poesias. Mesmo aqui pago um tributo à minha operação. A caligrafia. Minha linda caligrafia ficara na mesa de operação. Hoje eu escrevo. Não mais com aquela letra de antigamente

de que tanto me orgulhava. Escrevo praticamente só à máquina. Com muitos erros. É uma datilografia feia como feia também é a letra — que a bonita roubou-a a operação. Já fiz muitos exercícios. Minha mão continua sempre dura. Inflexível.

A fala, o ponto nevrálgico de meu “status quo”.

Muitas vezes eu sei a palavra conveniente. A palavra que deve ser empregada em cada caso. Em cada frase. Raramente converso no sentido lato do termo. Acompanho todas as conversas. Sempre a palavra adequada na ponta da língua. De meu silêncio muitas vezes saio com a palavra que se estava procurando. Em busca da qual se estava. Com a palavra que não se encontrava. Outras vezes não digo a palavra adequada: fico apenas observando. Esperando se alguém a descobre. Fico na espreita... à espera... Não a digo ou porque não posso ou porque não quero...

E aquela fala corrente. Fluente. Flexionada. Alta. Aquela fala audível, onde está? Meu maior drama.



## CAPÍTULO VII

### A FALA QUE NÃO É FALA

Digo muitas coisas que não são fala: não dizem nada. São palavras. Sílabas sem qualquer sentido: CREDO DO e DO. DONDE DE e DE. ET ou ANTES. PAIS Á. Sei que nada disto significa nada.

Não posso parar de falá-las. Não paro mesmo.

Todas estas palavras e sílabas pronuncio-as três vezes, para anular o efeito negativo do O. Gosto de “pais á” (corruptela de “POIS É”). Logicamente o prefiro pela letra A dominante. Sei que isto é ridículo. Esta superstição de letras. Sei que é contra o bom senso. Sou escrava da superstição. Não consigo libertar-me dela.

NENHUMA DESTAS PALAVRAS COMUNICA NADA. Repito-as os dias inteiros — as semanas inteiras — todos os meses — os anos todos. Muitas vezes. Tantas vezes. Tantas quantas me permita o tempo da vigília. Só quando durmo interrompo este falar, este não dizer nada, que tanto me cansa. Tanto me magoa. Tanto me machuca. Tenho vontade de chorar — de gritar — de morrer. De onde saíram tantas besteiras? TENHO RAIVA.

Digo também “A PALAVRA É. VRA-OUÇA-SE. VRA-LEIA-SE. VA-É”. Este é o trampolim para o início de todas as frases. Quase sempre o digo baixo. Às vezes sai alto para total confusão do interlocutor. Mesmo que eu não esteja recitando a ladainha desconexa com os lábios,



num semimurmúrio, estou tentando recitá-la mentalmente. Aí “mastigo” as palavras — “rumino” as sílabas. Mentalmente não “ANDO” com palavras — sílabas. Fico enguiçada. “Mastigando” — “ruminando” palavras e sílabas. Isto irrita-me. Enerva-me. Desgasta-me. Exaspera-me.

“BUSCA-ME DEPRESSA”: outras palavras que estão sempre na minha boca, na minha cabeça. A minha cabeça: nela, os pensamentos correm. Voam rapidamente. Velozmente. Não há barreiras. Não há enguiços. Não há problemas. Fora-me possível acompanhar os pensamentos com as palavras e não haveria o drama. *A liberdade de meu pensamento maravilha-me.* Quem me dera cortarem-se-me as amarras da fala: partir. Acompanhar o navegar veloz do meu pensamento... Do pensamento — sim. Das palavras — não.

Continuam rolando em meus lábios, sílabas. Em minha cabeça, palavras que fazem o meu drama. E rolam incessantemente: CREDO-DO e DO. DONDE — DE e DE. ET ou ANTES. “PAIS Á. PAIS Á. PAIS Á. A PALAVRA É — VRA-OUÇA-SE VRAÉ. BUSCA-ME DEPRESSA — TÁ?

Estou convencida de uma coisa: de que estas repetições estão intimamente ligadas aos meus movimentos repetitivos. Incoercíveis. São os movimentos das mãos que geram as palavras “apertadamente” repetidas? Ou as palavras “apertadamente” repetidas que geram os movimentos? Não sei. Desconfio de que ambos nascem simultâneos.

Não ando: “enguiço”. É-me preciso se quiser “andar”, contar as palavras — as sílabas nos dedos. Faço isto para ir adiante. Para não ficar “enguiçada”.

Só interrompo esta repetição em que vivo mergulhada quando adormeço, já que — em estado de vigília não cesso os movimentos repetitivos nem “esta fala que não é fala”.

Só os interrompo para dormir: se estou muito tensa, crispam-se-me os dedos debaixo do travesseiro. As mãos rijas, contraem-se incessantemente. Já sei que não vou dormir. É-me necessário tomar um calmante ou um relaxante muscular.

Não só as palavras da “fala que não é fala” eu repito — ainda muitas outras que escuto. Palavras de conversa. Palavras de rádio. Palavras de televisão. E as repito to-

das religiosamente — três vezes. **TODAS — SEMPRE TRÊS VEZES.**

Tudo isto me deixa exausta. Meu drama. “Cura-me depressa. Tá?” Outras palavras que repito. E específico: “da fala ao menos. Tá?” Deus — o meu SENHOR — libertador não vem libertar-me.

Já vi que um milagre Deus não fará. Já vi que será mais fácil morrer do que ficar curada. Já vi que a única porta que se me abre é a porte da morte: Tudo em mim *clama para Deus que me venha buscar.*

Com o tempo aquele brado “Cura-me!” vai desaparecendo. Vai sumindo. Vai cedendo. Vai dando cada vez mais lugar ao brado único “Busca-me depressa! Tá?”

E esse Deus que não vem buscar-me (com todo o respeito) digo que também ele faz o meu drama. Foi ele quem — em última análise — quis o meu drama.

As vezes choro. Chorando — explico a Deus que assim não posso viver. Que não dá mesmo... Só uma coisa eu sei: Ele não me atende. Isto é certo.

Às vezes choro. Choro de cansaço. Cansaço da vida. Cansaço de não poder falar o que eu quero. Como quero. *Cansaço das minhas manias. Manias de todos os dias. Manias que a cada dia me prendem mais.* Cansaço de movimentos “apertadinhas”. Cansaço de sentir-me tolhida. Cansaço de ficar repetindo baixinho sempre as mesmas palavras. Cansaço da superstição. Cansaço da “obrigação” de repeti-las todas três vezes. **SEMPRE TRÊS VEZES. SEMPRE TRÊS VEZES. SEMPRE TRÊS VEZES.**

A “FALA QUE NÃO É FALA” aflige-me. Mostra-me claramente que eu não sou normal. Ficar sempre repetindo de manhã até a noite, alguma coisa não é normal. Deixo que se entusiasmem com minhas melhoras. Melhoras na fala. Melhoras no andar. Eu não me entusiasmo nunca! No fundo, sinto e sei que alguma coisa em mim não está normal: “A FALA QUE NÃO É FALA”...

“A FALA QUE NÃO É FALA” aflige-me. Talvez seja o ponto principal da estória que se conta neste livro. *O ponto capital.* O ponto que me mostra claramente que alguma coisa não funciona bem em meu cérebro. A necessidade de

estar sempre repetindo “A palavra é “Busca-me depressa” etc... etc... mostra-me que evidentemente algo não está normal.

Quem sabe que lesão me afetou? NINGUÉM SABE... Todas as manhãs ao despertar eu retomo minha repetição de FALA QUE NÃO É FALA...

É então que constato que ainda não estou curada... Constato-o todas as manhãs...

Cada manhã é uma nova manhã. Cada dia é um novo dia.

Eu acordo sempre na esperança — na sempre frustrada esperança de cura... na espreita... à espera...

Cada manhã ao despertar eu constato que ainda não estou curada. Constato-o pela “FALA QUE NÃO É FALA”.

Sempre adormeço na esperança de que “AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA” — um dia diferente — o dia da cura — talvez — mas como em todas as noites que fazem a minha vida desperto sempre com a consciência de que nada mudou: sempre me desiludo na manhã da minha EXCEPCIONALIDADE...

## CAPÍTULO VIII

### A LENTA MARCHA DA RECUPERAÇÃO

Início-a em 61. Em São Paulo. É lenta — penosa a quase infrutífera marcha dos tratamentos de recuperação física. Quase infrutífera. Hoje, mais de 20 anos após o desastre sinto-me ainda tão atrasada. Às vezes parece-me ter sido operada há um ano atrás. De tal maneira me sinto presa e tão tolhida.

Começo com uma massagista o drama da recuperação. A massagista vai à minha casa em São Paulo. Da massagista pouco me lembro: é uma senhora gorda — a alemã que ia à minha casa em dias alternados.

Antes do fim do ano deixo a massagista e vou fazer exercícios no Hospital em que fora operada. São exercícios ativos e passivos de pernas — braços — mãos. Acho eficientes estes exercícios. Gosto deles, principalmente dos passivos. Vou EM DIAS ALTERNADOS. É uma tônica: uma constante a que atribuo — quem sabe? O insucesso de meu tratamento. A pouca produtividade na minha recuperação.

Em 62 venho para o Rio para a casa de meus pais. Eles logo me levam a uma clínica especializada. TAMBÉM EM DIAS ALTERNADOS. Muito diferente da de São Paulo. Exercícios ativos de pernas — braços — mãos. NENHUM PASSIVO. Estes fazem-me falta. Para as mãos eu os faço na terapia ocupacional. Aprendo aí a manejar o tear. Apaixonono-me por ele. Há um grande, fixo, no centro da sala. Aprendo a tecer. Ganho dois teares diferentes, pequenos, portáteis. Neles faço vários trabalhos.



Um destes traz-me grande alegria: faço uma colcha cor-de-rosa. Minha mãe forra-a de cetim. Fica linda! A mulher do motorista da casa em que estou em São Paulo vai ter um bebê. Dou a colcha ao motorista. A colcha chega no dia do nascimento da criança. Fico felicíssima. **MAIS FELIZ QUE O PAI. MAIS FELIZ QUE A MÃE. É melhor dar que receber. Fazer e dar é melhor ainda. “COMO É BOM FAZER E ESQUECER O QUE SE FEZ. ILUMINAR-SE APENAS DAS LUZES QUE ACENDEMOS. RECEBER NO CORAÇÃO OS REFLEXOS DAQUILO QUE FIZEMOS E ENTREGAMOS”.**

Fico em São Paulo todo o ano de 63. Vou para o Natal de 62 e lá fico. Voltam os exercícios ativos e passivos sempre *em dias alternados* no Hospital. Nada muda: são os mesmos exercícios de dois anos atrás.

Alternando os anos no Rio e em São Paulo alternam-se as clínicas. Os exercícios são feitos segundo as possibilidades de cada clínica.

Até que em 68 minha família descobre uma clínica particular no Rio, em Botafogo. É uma excelente clínica. Freqüento-a durante três anos. Vou de segunda a sexta-feira, a tarde inteira: quatro horas — quatro horas cheias: bem empregadas. Desta vez acho que vou tirar bastante proveito. A clínica é destinada a crianças excepcionais. Responde a meu caso: **DESCOORDENAÇÃO MOTORA.**

Contudo, é aí que recrudescem meus movimentos descontrolados: as minhas manias. É aí que se multiplicam meus sinais da cruz. Acho que fazendo-os ficarei curada. Quero fazê-los bem feitos. Não o consigo no meio de muita gente. Faço-os repetidamente. Nervosamente. Rapidamente. Minhas mãos ficam rijas. Mãos duras. Mãos flexíveis. E faço-os descontroladamente. Freneticamente. Afogeadamente.

É meu vexame. É meu drama.

A base do tratamento desta clínica são os “CRUZADOS”: exercícios ativos e passivos: de pernas — braços — mãos — pescoço. Todos na base dos movimentos “cruzados”. Gosto de lá.

Há os “cruzados” essencialmente passivos — os principais — feitos na “mesa” — onde se vira o paciente de bruços. Aí, quatro rapazes flexionam simultaneamente — su-

cessivamente braços e pernas. Uma quinta pessoa “faz” a cabeça virando-a em movimentos sincronizados com os demais. Estes “cruzados” são feitos quatro vezes por dia.

Há a marcha cruzada — exercício ativo “cruzado” em que marchando-se toca-se cada joelho com a mão contrária com a mão “cruzada”.

Há as molas em que se penduram as pernas para se forçar a musculatura num movimento “sobe-desce”. Alternando. Nestas o paciente está deitado. Talvez seja este o único exercício que não é “cruzado”.

Gosto de tudo isto. Gosto de quando me chamam à “mesa”. Gosto dos rapazes que fazem os “cruzados”. Acho-os simpáticos — alegres — divertidos. Eu sempre apreciei gente engraçada. E estes rapazes o são. Estão bem perto da linha de meu espírito alegre — crítico — divertido.

Há o arrastar-se como a criança que engatinha — faz-se num acolchoado. Revezam-se pernas e braços novamente em sentido “cruzado”. É o mais breve por ser o que requer mais esforço — pela muita energia que despende.

Essa clínica deixo-a por motivos de ordem doméstica: não há em minha pequena família quem possa passar todas as tardes da semana — as semanas inteiras do ano — os anos todos da vida — lá comigo, acompanhando-me. Por isso deixo-a. Com saudades.

Volto mais uma vez para a clínica especializada de antes — onde os horários convêm mais à minha família. É a minha última tentativa de recuperação física. É lá por 72... Lembro-me de que em 73 escrevi de São Paulo para a minha mãe dizendo-lhe que não queria mais voltar para essa clínica. Era condição “sine qua non” de minha volta para casa. O ambiente daquela clínica perturba-me. Angustia-me.

De lá para cá só fiz exercícios em particular. Minha família ofereceu-me uma bicicleta ortopédica. Comprou-me extensores para os braços — uma barra para pendurar-me.

Sou estranhamente refratária a todo e qualquer esforço físico. A todo e qualquer exercício de recuperação. Este assunto não é comigo. De entre a obrigação de fazer meus exercícios e de minha vontade apática e relapsa — de minha abulia — indolência e preguiça, nasce-me um outro conflito — um novo drama.



## CAPÍTULO IX

### A RECUPERAÇÃO DA FALA

Também aqui muitas tentativas faço. Muitas aulas frequentes. Desde São Paulo. Lá vou em 61 a uma professora de dicção — reaprendo aí os inícios à base da dicção. É o primeiro ano depois da minha operação. É a base. Um trabalho de base.

No Rio vou a um grande foniatra na clínica especializada e tenho aulas com sua assistente. Esse grande foniatra dá-me algumas “dicas”. A principal: “Enquanto não conseguir manter as mãos paradas — imóveis —, não conseguirá falar”. Falar fluentemente.

De volta a São Paulo vou a outra professora de foniatría. Desta gosto. Gosto muito. Temos muitas afinidades. Por isso talvez eu PROGRIDA TANTO COM ELA. Já falo com a boca aberta. Procuvo articular bem as vogais com as consoantes. Por uns três anos, sempre que volto a São Paulo, tenho aulas com ela. Cada vez que volto recupero o que perdera desde a última vez.

Na clínica particular de Botafogo também há uma professora. Nunca chego a saber se é professora de dicção. Parece-me que não. Talvez seja apenas encarregada de tratar das crianças. Ensina-as a ler — escrever. Ensina-lhes jogos — joguinhos — leitura — escrita. É uma professora com todas as características das de curso primário.

No Rio ainda, tenho uma ótima professora. Esta é boa, excelente. É num centro de recuperação da fala em Ipanema.

Não é por falta de aulas, professoras, cursos, que eu estou tão atrasada na fala.

Plantada na vida — na estrada da vida — prossigo a caminhada. Tenho que prosseguir. COM ESTA IMENSA DIFICULDADE PARA FALAR. Isto me deixa perplexa e desnordeada e desarvorada. Não sei o que pensar. Tenho que continuar a viver. Apesar da dificuldade.

Plantada na vida — presa ao passado — projeto-me no futuro. No presente sou eu com minha dificuldade, sofrendo e chorando, soluçando e morrendo — sem morrer.

Porque há na minha vida este paradoxo: é uma vida que vivo e morro. Sem morrer. E sem viver...

Na era das comunicações sinto-me passada para trás.

Minha comunicação torna-se cada dia mais difícil. O problema da comunicação é *meu problema*. Há uma unanimidade a afirmar: “Ela já falou melhor”. Todos os que me conhecem dizem a mesma coisa. “Já falou muito melhor. Já falou com a boca mais aberta. Já articulou melhor as sílabas. Já falou com a voz mais alta. Mais audível”. De fato o sinto. Sinto-o e concordo. Nem há que se negar a evidência...

Há uma temporada, uma curta temporada — em 71 — em que eu falo desembaraçadamente. Nem eu sei explicar por quê. Mas então falo muito bem. Tudo bem. Tudo o que eu quero. Com quem eu quero. Quando quero.

Penso que já estou curada da fala.

Depois daquelas duas semanas — que tão curta assim é a temporada, volto a me embrulhar. E me embrulho. E me enrolo. E me atrapalho novamente. Não consigo mais aquela limpidez cristalina com a qual eu tanto sonhara. Até cantar eu cantara naquelas duas semanas.

Volta o tormento da dificuldade em comunicar-me: é meu maior drama. É UM DRAMA EXISTENCIAL.

Não fora isto eu seria a pessoa mais feliz do mundo sem dúvida. Quero falar. Ensaio quando estou sozinha.

A fala não me sai. Já sei que quando precisar na hora H, a minha fala não vai sair. Sinto a voz escorrer-me garganta abaixo.

Há, contudo, uma maneira que tenho de me comunicar. Uso-a com os íntimos — com as pessoas que já me conhecem. Satisfatória na medida do possível. Tão satisfatória quanto o permitem minhas limitações.

Basta que o interlocutor repita cada uma das minhas palavras. Então falo. Digo coisas e mais coisas. Converso longamente. Demoradamente. Digo tudo o que eu quero. Para isto é preciso que o interlocutor SEJA UMA PESSOA DE BOA VONTADE. Sempre pronta a me escutar. Sempre disposta. Bem disposta.

Há pessoas e pessoas. Com umas consigo falar. Com outras: não. São as afobadas que não sabem repetir cada uma das minhas palavras. O que parece uma coisa tão simples talvez não o seja. É NECESSÁRIO QUE SE TENHA O DESEJO DE OUVIR-ME. Não o conseguem pessoas QUE NÃO QUEREM SE CANSAR EM ESCUTAR-ME. As que não sabem escutar. As que só querem falar. *Faltando o desejo de ouvir-me, nada feito.* Faltando a inteligência: nada feito. Faltando a calma: nada feito. Faltando boa vontade: nada feito. Cultura pode falar.

Graças a este método converso horas com certas pessoas. Reconheço que NÃO É NORMAL. Não é certo. Mas é o único jeito. Em cada lugar que freqüento há ao menos uma pessoa — escolhida — inteligente — calma — de boa vontade que me escuta, com quem eu possa comunicar-me. Uma pessoa que “saiba” falar comigo. Se não há esta pessoa eu me reduzo a um silêncio total a um balbuciar ininteligível em que repito muitas vezes “Tá — Tá — Tá — Tá. Nem isto é sempre compreendido. Ouvido.

Há pessoas que concordam comigo mesmo sem ter entendido o que eu digo. Pessoas que querem ficar livres da angústia — quem sabe — de que eu fale. Ou melhor: NÃO FALE. Isto me abate. Sou suficientemente inteligente para perceber que não fui entendida. Mas se não sou entendida, lanço mão de bilhetes, sempre à máquina. Bilhetes que se multiplicam até quase o infinito. Lembro-me de que já escrevi mais de 50 bilhetes num dia!

Quando as pessoas que me entendem se negam a repetir-me as palavras, sofro. Sofrendo — choro. Chorando — recolho-me num silêncio total. Mortal. Às vezes. Outras não: quando percebo que *HÁ MÁ VONTADE em escutar-me.*

Por que eu não falo como as outras pessoas? Por que não consigo falar? Fluentemente? Corretamente? Por que foi-me pedido JUSTAMENTE A MIM esta grande dificuldade na comunicação? Não sei. São perguntas que ficarão sem respostas para sempre.

## CAPÍTULO X

### PRIMEIROS TRIUNFOS

Meus progressos são numerosos. No começo pequenos progressos. Grandes vitórias para mim.

Primeira vitória: visto-me sozinha em 61. Fim de ano: lembro-me da primeira vez em que o consigo. Missa do galo. UMA FESTA!

Atualmente só não abotoo os punhos das blusas quando são muito justos. Não o sendo abotoo-os antes de vesti-las. Movimento que exige muita flexibilidade de pulsos e de dedos. Ainda não a tenho.

Outra coisa que não consigo fazer sozinha: calçar meias quando estou com pressa. Com calma a coisa vai. Faço até hoje tudo cronometrado. Tantos minutos para vestir-me por baixo. Tantos para vestir-me por cima. Tantos para pentear-me. Tantos para calçar as meias. Fico perplexa — abismada — ao ver que as outras pessoas calçam as meias em si mesmas e em mim em segundos. Levo minutos para calçá-las. Meu antigo recorde era dois minutos para cada perna. Este recorde foi quebrado há pouco: um minuto para cada perna (1981).

É NECESSÁRIO CALMA — MUITA CALMA.

Continua a cronometragem: tantos minutos para tomar banho. Outra grande vitória minha: tomo banho sozinha: 62 — Rio. Na casa de meus pais: *uma festa!*



Mais uma vez abismo-me ao ver como as outras pessoas o fazem tão rapidamente. Hoje levo tantos minutos. Se lavo a cabeça: mais tantos. O progresso aqui é enorme. Lembro-me de meus primeiros banhos: mais de uma hora. E a função "talco" — antigamente espalhado pelo banheiro todo. Um tapete de talco. Hoje eu me sirvo de pequenos estratagemas para não deixar talco no chão do banheiro.

Tudo isso eu o faço entre muitos sinais da cruz.

Até para as coisas mais simples perco um tempo precioso com as minhas manias. Por quê? Não sei. Sei que é um tempo irrecuperável. Passo nisto horas inteiras. E ligo e desligo a luz. NÃO CONSIGO ACALMAR-ME. VIVO TENSA.

Caligrafia: outra vitória minha. Não é mais aquela minha letra — a que a operação me roubara. É uma letra difícil. Como difícil é a fala. É uma letra dura — cheia de arestas — como dura e rija é a mão que a faz. Acho que já estou me aproximando do talhe da antiga.

Condições para escrever bem atualmente: POUCA COISA. A LÁPIS. CALMA. AUSÊNCIA DE ESPECTADORES.

Em condições contrárias nada feito: MUITA COISA LOGO ME CANSA. TINTA. Afobação: AFOBADA NADA FAÇO. Se há espectadores começo a benzer-me: a fazer malfeitos sinais da cruz. E multiplico-os freneticamente. Afobadamente. Ninguém consegue ler o que escrevo. Só eu o consigo. Mas é de memória que repito o que escrevi. Apenas repito palavras — que estas também para mim são ilegíveis.

Vitória: se levarmos em conta os primeiros rabiscos dos anos seguidos ao desastre. Dizem-me que se eu tivesse sido fiel aos exercícios de caligrafia iniciados em São Paulo hoje estaria com a letra igual à anterior. Acho que não. Acho que enquanto tiver a mão tensa — dura — rija, não conseguirei escrever bem. A dificuldade está na mão — conforme ela está a cada dia e não nos exercícios que não lhe tirariam esta dureza. Só os tranqüilizantes intervêm aqui em meu favor. São eles que me relaxam que me tiram da mão a rigidez. E com eles escrevo com mais facilidade.

Vitória ridícula — dirão alguns — levanto-me às oito horas da “madrugada” — digo brincando. Não está muito sedimentada. Há dias e dias. Há dias em que destravo o despertador e continuo a dormir. Quando estou muito cansada nem o ouço tocar. Quando estou na *fossa* viro-me para o lado e continuo a dormir. Há dias em que me levanto religiosamente às oito da “madrugada”. Durmo tarde. Detesto ter que levantar-me cedo. É vitória: vai de encontro à minha natureza.

## CAPÍTULO XI

### SAÍDAS

Em São Paulo começo a sair só: Missa. Dentista. Farmácia. Sapateiro. Cabeleireira. Gosto muito de ir ao Shopping Center Iguatemi, perto de casa. Faço compras. Discos. Perfumaria. Lancho. Faço meus pés no Dr. Scholl. Uma infinidade de pequenas compras. Vou ao correio. Saio muitas vezes À REVELIA. Têm um gostinho especial estas saídas.

Manhã dourada. Manhã florida. O jardim de minha casa tem muitas flores. Manhã de abril. Fujo até a cidade. Vou e compro uma bolsa. Vou e volto de ônibus. Primeira compra desacompanhada. Compra grande. No MAPPIN. Primeira grande vitória neste setor. A quem pergunta onde arranjara aquela bolsa, digo rindo: Comprei-a sozinha no MAPPIN. Não acreditam em mim. Dias depois o caso da bolsa corre. Mas não morre minha vitória que esta já é minha. É início de 69.

No Rio as coisas são bem diferentes. A princípio moro na Lagoa. Lá, impossível sair. Nem teria aonde ir. Nem o que fazer. Lugar inteiramente fora de mão. Tudo longe. Tudo distante. Em 64 mudo-me para o Posto Seis. Copacabana é outra coisa. Muito diferente também do Jardim Europa em São Paulo, bairro estritamente residencial. Ruas cheias de grandes mansões. Ruas tranquilas. Movimento mínimo. Atravesso sem precisar olhar para os lados. Ruas de mão única. Lá tinha aonde ir.

No Rio tenho a vigilância da família. Muito mais rigorosa que a das amigas de São Paulo. Antes de 69 nem me passa pela cabeça a idéia de sair só. A GRANDE VITÓRIA DE SÃO PAULO NÃO ME DEIXA. Nem ousar pedir para sair. Minha vitória não conto em casa. É segredo meu. De mais ninguém.

Três anos espero a "chance". Sei que mesmo no tráfego de Copacabana poderei sair só. Observo-o. Estudo-o quando saio acompanhada. Espero até 72. Três anos de espera. Saio pela primeira vez para ir ao Banco embaixo de meu apartamento. Depois vou ao jornaleiro, na quadra vizinha. Atravesso uma rua. No Banco deposito dinheiro. Cheques. Retiro dinheiro. Pago contas de telefone. Luz. Gás. Pago INPS. Taxas mensais. Volto lá semanalmente. Faço mais depósitos. Retiro mais dinheiro.

Começo a abrir o compasso. Vou à igreja. Faço pequenas compras. Depois abro mais o compasso. O pessoal de casa começa a ganhar confiança em mim. Vou à praia. Só. Volto da praia. Só. Vou a Bancos mais distantes. Correio. Aulas. Tomo condução. Faço compras maiores. Roupas. Chego até a tomar muitos lanches. Tudo inteiramente só. Desacompanhada. Faço tudo munida de meus bilhetes. Antes de sair de casa planejo bem o que vou fazer. Aonde vou. O que vou comprar. Um simples jornal exige seu nome escrito. Remédios — seus nomes escritos. Não ousar enfrentar um balconista SEM A MINHA SEGURANÇA ESCRITA.

Atualmente detesto sair de casa — só, ou acompanhada. Tenho horror. Não sei quais manias vão assaltar-me. Sinais da cruz. Quando eu menos espero. Nos Bancos. No correio. Nas casas de modas. Basta largar por um momento a bolsa da mão direita. Estou ameaçada. Mão rija. Dura. Inflexível. Para apanhar o dinheiro fico tensa. SEMPRE TENSA. VIVO TENSA.

Sofro vexames. Meu drama.

Detesto sair.

De qualquer maneira, bem ou mal, minhas saídas desacompanhadas são uma de minhas maiores vitórias. Desembaraçam-me. Apesar de tudo gosto. É minha liberdade que está em jogo. Antes disso que sair sempre acompanhada. Como uma idiota. Sempre agarrada à saia da mãe.

## CAPÍTULO XII

### GRANDES VITÓRIAS

Um dia experimento cortar as unhas — mão esquerda. Mão direita. Os pés. Corto uma depois outra. No final mais uma vitória.

Um dia quero pintar as unhas. Pinto-as. Outra vitória. Pinto os lábios. É mais fácil. Apesar dos movimentos descontrolados das mãos.

Um dia quero enrolar o cabelo. Aqui muito maior a dificuldade. Enrolo alguns “bobs”. Interrompo. Novela. Mais outros. Janto. Acabo de enrolar os últimos na última novela. Entre muitos sinais da cruz. Entre muitas tolices mais. Na verdade, grande é esta vitória. Comemorada em família. Novembro de 75.

Dois dias depois enrolo novamente o cabelo. Aí anoto o tempo: uma hora e meia. Cinquenta por cento talvez desperdiçados entre sinais da cruz. Para cada rolo um acesso de besteira. A técnica vai se aperfeiçoando. Descubro dificuldades. Descubro “macetes”. Tento imitar as cabeleireiras.

Mais dois dias. Enrolo de novo: 9 de novembro. Uma hora. Penteado lindo. Eu mesma faço questão de pentear-me. Quero fazer tudo sozinha. Nesta mesma noite: 9 de novembro, para conservar o penteado enrolo o cabelo nos dedos. Conversando. Sem usar espelho. Só as pontas e na frente, no alto da cabeça. Meia hora.



Ainda 9 de novembro. Outra vitória. DESTAS QUE NÃO DEPENDEM DE MIM. Descubro que canto. Canto como cantara naquelas duas semanas — curta temporada em que falara bem. Canto primeiro acompanhada. Depois sozinha: é o refrão de ESTRELA D'ALVA. Todo esse tempo não cantara. Desde aquela temporada. Tentara várias músicas de meu antigo repertório. A voz saía-me baixa. Monótona. Sem modulação. Sem mais nem menos. Não começo a cantar. Voz alta. Modulada. Por quê? Não sei. Pergunta sem resposta. Tantas outras perguntas sem resposta em minha vida. Desde aquela primeira. “Por que comigo” — “logo comigo”? Mais de vinte mil operações fizera aquele cirurgião de São Paulo. Todas com êxito. SO A MINHA FRACASSA. Por quê?

Canto o Hino Nacional, o Hino da Bandeira. “Cidade Maravilhosa”. Meu antigo repertório. Do que vou lembrando.

Então “Le Bruit des Vagues”. Músicas de Carnaval. É preciso que as músicas sejam altas. Tom baixo não serve: cai na monotonia de minha voz. O canto confunde-se com a fala.

A isto eu não chamo propriamente de vitória. Assim como veio pode ir embora. Não depende de mim. Não é fruto de meu trabalho. Nem de minha perseverança.

Dia 10 de novembro. Hoje é a letra que está surpreendentemente bonita. Faço uma lição de Francês com uma caligrafia quase igual à antiga: A QUE ME ROUBARA A OPERAÇÃO. Pormenor que nunca esqueço. Ligo a letra à operação, sempre que falo nela. Sempre que penso nela. Há muitas outras coisas preciosas, mais preciosas que a letra. Muito mais preciosa: andar normal — fala. A própria fala. Meu ponto nevrálgico. O ponto nevrálgico de meu drama. Por que faço esta associação? Não sei. MAS NÃO PERDÔO. A caligrafia depende de tranqüilizantes.

A lição de Francês é longa. Faço-a numa letra tipo fôrma. Mais ou menos como era a antiga. Uma vitória a mais.

Ah! A letra! Que vitória esta! D repente eu começo a escrever bem à mão. Muito bem mesmo. Não sei por quê. Há poucos dias relativamente. Já escrevo cartões à mão. É só questão de começar. Minha letra sai limpa: Firme.

~~Sem~~ rabiscos. Posso escrever inclusive à tinta. Uso uma ~~uma~~ apoio. Minha letra parece-se com a antiga: tipo fôr-  
~~ma~~, como naquela lição de francês. Já subscrito à mão  
~~usos~~ os envelopes. Já escrevo cartões. Para cartas ainda  
~~não dá~~. São geralmente longas as minhas cartas. Não te-  
~~mo~~ paciência. Nem minha mão agüenta. Prefiro a máqui-  
~~na~~. Muito mais rápida.

Que vitórias ainda me reserva a vida?

De vitória em vitória — de êxito em êxito — de pro-  
~~gresso~~ em progresso — de triunfo em triunfo — só me fal-  
~~ta~~ praticamente falar para que minha alegria seja completa.

## CAPÍTULO XIII

### O ANDAR

São muitas as alternativas por que passa meu andar. Imediatamente após a operação, não ando. Simplesmente não ando. Não tenho forças nas pernas. Estas não me sustentam o corpo. Problema de equilíbrio. Desequilíbrio-me por um nada. PARA A FRENTE. PARA TRÁS.

61: já começo a andar dentro do quarto, sempre amparada. Fim do ano: já ando sem ser amparada. Também fora do quarto. Já vou ao hospital. Lá faço exercícios de marcha segurando nas barras paralelas. No Rio, também na clínica especializada ando nas paralelas. Lembro-me de que nesta há espelhos grandes. Talvez ajudam a outros. A mim não.

É preciso um começo. Apenas um começo: o andar nas paralelas.

62: ando no jardim de minha casa, na Lagoa, segurando em bastões. Ótima a troca da imobilidade das paralelas pela imobilidade dos bastões. Dois bastões. Seguro na extremidade da frente. Outra pessoa vai segurando atrás. Isto imprime ritmo. Dá uma cadência dos braços. Perderia-a completamente. Ótimo exercício que me dá o princípio da coordenação motora do andar. A coordenação de braços e pernas. Nas duas clínicas nunca houvera a preocupação de ensinar-me a andar com o jogo dos braços. Hoje eu ando. Muitas falhas ainda, menos esta. Minha família

cuida deste pormenor. Já não ando com braços estendidos ao longo do corpo, sem saber balançá-los. Minha família me ensina a andar: a técnica do andar, graças a estes exercícios com os bastões.

Na clínica particular de Botafogo, onde faço a marcha "cruzada" já ando relativamente bem. Falta-me um certo equilíbrio para fazer o exercício da marcha "cruzada". Esta exige que se levantem bem os joelhos. É o que me causa um leve desequilíbrio. Ando arrastando a perna direita, lado da hemiplegia. Ando com os joelhos encurvados. Pernas exageradamente abertas — defeitos que conservo até hoje.

Uma ocasião, em São Paulo, no ano de 67, ando de repente com perfeição. Acelero a marcha. Começo a deslizar na varanda grande, que há em casa. Só deslizo lá, na longa varanda. Chão de cerâmica São Caetano. Chão encerado. Só sei andar lá. Ando depressa. Não sinto o peso das pernas. Devagar não sei. Se saio da varanda, se mudo a velocidade — não sei. Jogo os braços em perfeita sincronia com as pernas. Braços duros. Nem eu sei como explicar. Sai-me o andar espontaneamente. Tenho a impressão de que sou uma bonequinha de corda. Dão-me uma corda imaginária, numa extremidade da varanda e eu vou, feito um foguete até a outra extremidade. Acho divertido. Gosto. Ando milhares de vezes naquela varanda.

Desconheço ainda técnicas. Desconheço ainda os "macetes" do andar.

Volto para o Rio. Volto a andar pesadona. Pernas curvas, o arrastar do pé direito. Pernas abertas. Volto para o Rio. Esqueço simplesmente. Pernas pesadas. Indolência. Preguiça de levantar as pernas. Andar de indolência. Andar de preguiça.

Já conheço toda a teoria — a técnica do andar: pernas esticadas. Calcanhar no chão antes da planta dos pés. Pernas centralizadas.

Fico irritada quando me repetem Guida: calcanhar no chão. Estique as pernas. Junte mais as pernas. Não dobre os joelhos. Não arraste o pé. Isso ouço em casa dos que me querem bem todos os dias — todas as semanas — todos os meses — todos os anos. A VIDA TODA. Já nem ligo. Entra-me por um ouvido. Sai pelo outro. Continuo a

andar arrastando os pés com os joelhos dobrados. As pernas abertas. Indolência. Preguiça dominam-me. Falta-me talvez um estímulo: a certeza — ou ao menos a esperança de que ficarei boa. Como na fala campeia o “LAISSER ALLER”. Para que esforçar-me? É melhor não fazer força inutilmente.

Quando em São Paulo andara bem, nenhuma destas técnicas saíra-me espontaneamente.

É pena que os de minha família não me tenham visto andar lá. Pena que na minha família queiram que eu atinja a perfeição dizendo-me. Repetindo-me incessantemente as mesmas coisas. As mesmas coisas. Sempre as mesmas coisas.

De repente, no Rio, numa das manhãs em que passeio na Avenida Vieira Souto, começo a andar como andara em São Paulo. De repente, solta-se-me alguma coisa. Na articulação da coxa. Parece-me. Quem me acompanha não entende por que eu saio na disparada. Mas nota a mudança no meu andar.

Por quê? Nem eu sei. Mais uma pergunta sem resposta...

Aqui deve ser calçada lisa, como é aquela de Ipanema. Calçadas de mosaico — como há tantas em Copacabana, não servem. Calçadas esburacadas não servem. Pisos de terra não servem. Areia não serve. Nesta fase, asfalto serve. Chão de cerâmica serve. Chão atapetado serve. Chão de sinteco serve. Só pisos lisos. Andar rápido. Pernas esticadas. Pernas leves. Pernas centralizadas.

Neste dia em minha casa **UMA FESTA.**

“Boneca de corda”, dou meu “show” em longas distâncias. Amigas daqui do Rio também têm em casa longos espaços encerados. Lá eu me exercito. Vou a Vitória. Também lá, longas distâncias de chão de cerâmica. Dá-se a corda imaginária, numa extremidade, e lá vou até a outra extremidade, de uma só vez. Sem parar. Sem arrefecer o ritmo da marcha. Fases passageiras estas.



## CAPÍTULO XIV

### O ANDAR DE "GABRIELA"

75: Um fato inesperado vem mudar-me inteiramente o andar.

Assisto à novela "Gabriela". Último capítulo. "Gabriela" vai pé ante pé ao quarto de Nagib. Desta visão — desta imagem — tiro para minha vida: a lição do andar. "Gabriela" coloca um pé na frente do outro. Nada mais simples. Nada mais óbvio. Aquele andar de "Gabriela" gravase na minha retina.

Passam-se alguns dias. Nem eu suspeito. Um dia resolvo imitar "Gabriela". Saio andando devagar, com aquele andar lento.

Na novela: andar lento. Andar compassado. Andar "estudado". Andar perfeito.

Imitando "Gabriela", lá vou eu. Primeiro o calcanhar. Depois, a planta da pé. Pernas esticadas. Pernas centralizadas. Ando a princípio, devagar, como "Gabriela". Depois acelero a marcha: ando depressa. Não me esqueço, em nenhum passo da imagem da novela. Ando normalmente, depressa ou devagar. Meto conscientemente o calcanhar no chão. Levanto as plantas dos pés. Já não tenho mais os braços da "boneca de corda".

Nem todas as lições nem a repetição constante — contínua — dos que me querem bem, conseguiram que eu chegasse a esta perfeição do andar.

Andar estudado. Andar cauteloso. Andar simétrico. Andar pensado. Andar calculado. Andar fruto de observação. Andar elegante até...

Muita teoria me oferecera a vida. Muita técnica. Muita observação. Nada até agora me tinha dado este andar — com o qual tanto sonhara — que tanto desejava.

Lembro-me de que passara horas na praia, observando o andar das pessoas que iam e vinham. Olhava mas não “enxergava”.

Naquela noite “enxergo” uma coisa nova. Vejo o jogo dos movimentos do andar da atriz Sônia Braga.

Desta vez será para sempre... espero... Será? — Ainda não foi desta vez (1981).

Independo agora de pisos lisos. Independo agora do São Caetano encerado. Independo agora de atapetados. Independo agora de asfaltos. Independo agora de sintecos. Independo agora de grandes espaços.

Agora eu sei o que faço. Sei como se anda. Já não é aquele andar maluco. Já não é mais aquele andar disparado. Andar de foguete. Andar de “boneca de corda”.

Já descobri a chave. O segredo. É colocar bem fincado o calcanhar esquerdo no chão. Do calcanhar esquerdo depende toda a marcha. Interessante. É um “macete” que eu descubro.

Recupero assim uma das coisas que — se não há esta recuperação espantosa — seriam certamente o meu drama. Em lugar de drama, tenho aí minha recuperação máxima até agora.

## CAPÍTULO XV

### MEUS PAIS

Pequena família. Minha mãe e duas irmãs — que meu pai a morte veio roubar-me em 66. Meu pai era um homem baixo — magro — nariz adunco. Falante — muito falante mesmo.

Em mim não deixara nenhum trauma de infância. Marcara profundamente uma de minhas irmãs.

Gostava dele. Gostava muito dele. Apreciava seu espírito brincalhão — alegre — divertido, quando estava de bom humor. Gostava de ler o que ele escrevia. Apreciava seu estilo, principalmente nas cartas. Sempre uma fina ironia. Sempre uma vivacidade em tudo. Vivacidade na vida. Sempre uma sagacidade em tudo. Sagacidade na vida. Íntegro no seu trabalho. Em sua longa carreira, nunca faltara um dia ao trabalho. Esta fidelidade valeu-lhe mais tarde a DISPONIBILIDADE PRÊMIO, da qual tanto se gloriava, concedida por uma das maiores autarquias do país. Grande inteligência a sua.

Adorava esta filha: a preferida entre as três. Orgulhava-se dela.

Minha mãe, hoje, uma senhora idosa. Fora muito elegante e bonita, quando jovem, mesmo depois de casada. Engordara depois da morte do marido. Antes, apesar da idade, era elegante. Muito bem cuidada. Tem uma letra linda — firme. Ninguém diz que é de uma pessoa de mais de

78 anos — idade em que geralmente as letras começam a ficar trêmulas. Andar também firme. Apesar de seus mais de 78 anos. Idade em que geralmente as pessoas começam a andar trôpegas. Excelente dona de casa. Completa. Sabe receber magnificamente. Dinamismo impressionante. Trata de todos os negócios. Os negócios que antes estavam a cargo do marido. É um perfeito homem de negócios. Deixa a muitos pasmos, ao verem como é despachada.

E as compras de casa? Sai duas — três — quatro vezes ou mais, se preciso for — cada dia — para prover a casa do necessário. Incansável.

Fala de quantas vezes balconistas lhe perguntam por que é ela quem vai às compras. Conversando com mamãe, dizem-lhe que não tem mais idade para estar carregando as compras para casa. Ela sorri e acrescenta: “Não tenho ninguém que faça este serviço para mim. A empregada nega-se a sair para compras. Não gosta”.

Conforma-se.

Com a idade está ficando surda. Dificuldade cada vez maior de diálogo comigo. Eu não falo com voz alta. Clara. Inteligivelmente.

Eu adoro mamãe. Não sei o que será de mim quando me faltar. Dela são as palavras que muito me ajudam a cada passo na vida. Nunca diga: “Não posso fazer isso. Não posso fazer aquilo”. Desde que você já conseguiu uma vez, conseguirá fazer outras vezes. “Nada de cabeça baixa — minha filhinha: você é uma VENCEDORA. Uma VITORIOSA”.

Lembro-se destas palavras. Sempre. Muitas vezes. E consigo assim vencer. Quase sempre. Muitas vezes.

Mamãe participa de todas as minhas vitórias. Minhas vitórias são a sua vitória.

## CAPÍTULO XVI

### MINHAS IRMÃS

A irmã caçula é quatro anos mais nova do que eu. Atualmente mora na Paraíba. Gosto muito dela também. Engraçada. Engraçadíssima. Inteligente. Inteligentíssima.

De vez em quando vem ao Rio. Dias de festa em casa. Quando vem, traz toda a sua alegria. Alegria contagiante. Nas suas visitas não há pessoa que fique séria. É sempre assim. Sabe conquistar. Tem o dom da comunicabilidade. Gostam desta alegria. Inegavelmente sua principal característica.

Tem um coração bom. Ótimo. Compadece-se dos que sofrem. Sempre pronta a ajudar. Não importa a quem. Basta alguém precisar.

Mas há em minha vida uma pessoa a quem eu devo muito. Senão tudo em minha recuperação: minha irmã H. a quem também eu dedico este livro.

Mais velha do que eu um ano. É a alma da minha recuperação. Vive nas entrelinhas de cada capítulo deste livro.

É ela quem, por uma prodigiosa intuição, “inventa” mil recursos para que eu melhore, para que fique boa, para reintegrar-me na sociedade.

A ela devo tudo — ou quase tudo — na minha longa recuperação. Mais de vinte anos de uma vida dedicada exclusivamente a mim.



É ela quem, na Lagoa, ainda “descobre” a maneira de andar, segurando os bastões.

É ela quem procura as professoras de foniatria. Quantas aulas me dá — ela mesma — neste correr de anos? Aulas de dicção. Aulas de ginástica. Aulas de andar.

É ela quem se bate para que eu saia só. Bate-se por isso junto à mãe. Num excesso de maternalismo, esta não quer “cortar-me as amarras”.

É ela quem tem plena confiança em mim. Não vê por que manter-me escravizada a só sair acompanhada.

É ela quem me dá mil “dicas” para falar melhor — para andar melhor — para acabar com minhas manias — para comer à mesa.

É ela quem, desde a Lagoa, anda — caminha sempre comigo. Longas caminhadas.

É ela quem vive em cada página deste livro, nas suas entrelinhas.

É ela quem, quando ninguém acredita na minha recuperação, sempre acredita.

É ela quem se bate contra tudo e contra todos na minha luta vitoriosa.

É ela quem se entristece sempre que algo não corre bem comigo.

É ela que, na praia, também fica observando as pessoas que passam. Observando e estudando o andar de cada uma. E depois anda comigo horas e horas.

É ela quem semanalmente conversa comigo longas horas. Consola-me. Orienta-me.

É ela que não mede tempo. Apesar de seu trabalho intenso: aulas. Muitas aulas. Aulas particulares de inglês.

É ela quem não me deixa esmorecer nunca. Nos meus fracassos, estimula-me. Não me deixa dormir sobre os louros da vitória.

É ela a alma de cada uma das minhas vitórias.

É ela que tem uma extraordinária visão: “Vê” tudo longe. Esta perspicácia lhe vale muito nas “descobertas”

que faz. Inteligente. Inteligentíssima. A mais inteligente das

É ela que faz coro com a mãe, repetindo incessantemente: "Guida — calcanhar no chão. Pernas esticadas. Pernas centralizadas. Joelhos tesos".

É ela quem vibra com cada uma das minhas vitórias: Cortar as unhas. Pintar as unhas. Enrolar o cabelo. Cantar. Escrever à mãe.

É ela quem "descobre" todos os médicos — tratamentos — tudo, enfim, que me faz melhorar.

É ela quem providencia aulas de francês. Juntas, descobrimos que eu falo melhor uma língua estrangeira: ainda não contrai o hábito da repetição. Falo francês com maior facilidade do que meu próprio idioma. Falo francês sem repetir. Daí as aulas.

É ela quem sempre se bate para que eu faça trabalhos intelectuais.

Finalmente isto ela consegue...

É ela quem está sempre atenta. Não dá folga. Atenta. Constantemente atenta. A todos os instantes atenta.

É ela quem vive em cada página deste livro, nas suas entrelinhas.

É ela quem faz muito mais em mim, do que eu própria. A qualquer mínima melhora, ela se entusiasma. Diz apenas: "Viu como pode?" E já tem o progresso como definitivo. Contudo sei que, há muitos altos e baixos, na minha recuperação. Não sou tão otimista.

É ela quem me ensina a nadar. Quem me REENSINA A NADAR.

É ela quem se esforça para que eu me sente sem me atirar.

É ela que, com infinita paciência, me vê renascer. Crescer cada dia.

É ela que é capaz de dar a própria vida para me fazer feliz.

É ela quem vive em todas as páginas deste livro, nas suas entrelinhas.

## CAPÍTULO XVII

### VIAGENS

Nunca saí do Brasil. Minhas condições não me permitiam. Detesto andar a pé.

Vou muitas vezes a São Paulo. Quase sempre de avião. Adoro voar. Outras vezes de ônibus. Não gosto tanto, mas vou: é o jeito. Prefiro ir de avião porque faço a viagem sozinha. É a LIBERDADE...

Vou a Vitória de avião. Na volta, sigo para São Paulo, com escala no Rio. Minha família vai esperar-me no aeroporto. Eu faria a escala sozinha e a conexão dos aviões. Não fora a intromissão da família.

As melhores viagens são as da ponte aérea Rio-São Paulo, tantas vezes feitas.

Numa dessas muitas idas a São Paulo, conversei com o médico que me operara, meu contraparente: fico sabendo que sofrera uma parada cardíaca. A massagem cardíaca. É só então...

Até esse momento apenas sabia que a "operação não fora bem sucedida". Agora, já sei o porquê. O médico diz que em mais de vinte mil operações que fizera, a minha fora a única que fracassara. Por quê? NEM ELE SABE. NEM EU SEI.

Se sabe — não o diz. O médico acrescenta que pensara que eu ficaria mais afetada. Talvez parálitica. Talvez

~~bobada~~. Um sem-número de possíveis funestas conseqüên-  
~~ças~~. Fica radiante ao ver-me “aparentemente” tão bem.  
~~Se eu sei que não estou bem.~~

Pessoas que me conhecem ficam perplexas ao saberem  
~~que~~ o médico me contara o que me acontecera. Têm medo  
~~de~~ que eu fique impressionada. Isto não acontece.

A verdade é sempre a verdade. LIBERTADORA.

Já não sou mais obrigada a dizer que fora “operação  
~~mal~~suucedida” como já repetira tantas vezes. Agora falo  
~~libertadamente~~. Corajosamente. EU SOFRERA UMA PARADA  
CARDÍACA. Encaro o problema de frente. Não entendo  
~~por~~ que me esconderam durante tantos anos a causa do  
~~caso~~.

Minha família nada me diz.

Minhas amigas de São Paulo nada me revelam.

Meu pai chega ao extremo de, a cada médico que me  
~~ve~~, pedir antes uma consulta para expor-lhe o caso da pa-  
rada cardíaca.

Temem inutilmente: eu nem me impressiono nem me  
~~importo~~. Importo-me com a omissão que me fazem da ver-  
dade durante tantos anos. Quando o médico me revela a  
realidade, meu pai já tinha falecido.

Outro acontecimento que marca minhas viagens é uma  
“lenda” que corre a meu respeito: que eu tenho um coá-  
gulo de sangue no cérebro. É gente ignorante que o diz:  
como se fora possível eu ser tão lúcida, com o tal coágulo  
de sangue no cérebro — sei que é a ignorância que leva  
tais pessoas a dizerem-no. E falam sempre entre dentes,  
para que eu não o escute. Não sou boba. Coisas deste gê-  
nero, pego-as sempre no ar. (OUTRAS TAMBÉM falam so-  
bre mim. Pensam que não escuto... Vão falando. Eu es-  
cutando e sofrendo com a língua alheia.)

Daquelas pessoas tenho pena, principalmente se o di-  
zem a quem possui certa cultura. Que pensarão as pessoas  
que escutam tal “confidência”?

Além do tão cantado e decantado coágulo de sangue na  
cabeça, há outra versão: “Ela tem células nervosas, mortas  
no cérebro”. Esta me afligiu muito mais que a outra: de  
tão grosseira eu nunca lhe dera crédito. Nesta última acre-



ditei durante anos, até que meu médico afirma que não tenho nenhuma célula morta no cérebro.

Já fizera três eletros: nenhum registrara nada de anormal. Nem eu mesma sei por que acreditara nisso tanto tempo.

Vou a Ubá, no interior de Minas, dois anos seguidos (74 e 75): para lá, só de ônibus. Vou e aprecio muito esse lugar. Gosto das amigas. Gosto da piscina.

Visito a cidade de Vitória muitas vezes. Minha irmã caçula morava lá. Há praia. Adoro o mar.

Vou a Petrópolis passar o Carnaval. Carnavais.

E a Brasília, três vezes — na primeira de VERA CRUZ, até Belo Horizonte e de lá sigo, em ônibus leito, até Brasília.

Não agüento ficar muito tempo sentada. Por isso só viajo de ônibus-leito. Na segunda ida a Brasília (1976), vou de avião, sozinha.

Há tantos anos não voava, desde o tempo da ponte-aérea Rio-São Paulo.

Talvez umas dez ou doze vezes fizera o percurso Rio-São Paulo de avião. Cerca de duas vezes por ano, nos primeiros anos, depois do desastre.

Em janeiro de 76, dia 1º de janeiro, volto a Brasília. Passo lá todo o mês de janeiro. Adoro voar. Adoro Brasília.

Em janeiro de 79, volto a Brasília. Aí, há uma experiência nova. Inteiramente nova... Um rapaz que faria brilhar um pouco de sol na minha existência... que traria um pouco de calor humano para mim... E por quê? Por que esta amizade tão profunda — tão sincera e bonita? Só por causa de mútua e recíproca afinidade: a nossa excepcionalidade...



## CAPÍTULO XVIII

### NADA

Lembro-me de que meu pai contava uma anedota de que um milionário brasileiro mandara seus dois filhos estudar nos Estados Unidos. Depois de algum tempo recebeu um telegrama do senhor encarregado de supervisionar o estudo dos filhos. Dizia o telegrama: "UM NADA. O OUTRO NEM NADA".

Meu caso é o primeiro: NADA. Descobri-o em São Paulo na piscina da minha casa. Esta fica pronta em 64. Atiro-me nela e... saio nadando: de costas, que era meu estilo, quando na mocidade eu nadara pelo Fluminense "Foot-Ball Club" do Rio. Nado duas vezes. Três — quatro — cinco — seis vezes. Tantas vezes quantas quero seu percurso: 25 metros. Como outrora no meu Fluminense, faço diariamente mil metros. Entra ano — sai ano. Sempre que vou a São Paulo a piscina está à minha espera. Eu adoro nadar. Não tenho medo de atirar-me na parte funda da piscina. Tivera a piscina um trampolim e eu me atiraria. Minhas amigas ficam impressionadas quando me vêem. A princípio não queriam que eu fosse sozinha para a parte funda. "É muito funda" diziam. Depois ganham um pouco de confiança em mim. Não objetam mais nada. Ficam temerosas de que me atire na parte funda.

Não podendo falar, explicar-lhes que não há perigo, eu as respeito. Quando estou sozinha meço as minhas forças. Vejo do que sou capaz.

Não tenho certamente a mesma velocidade nem o mesmo estilo de quando me sagrara campeã pelo meu Fluminense. Sinto isto. Mas fico felicíssima porque nado. É TUDO PARA MIM. Depois venho ao Rio. Na praia de Copacabana nado novamente: no posto 6, onde moro. Conto com a assistência “técnica” de minha irmã H., perfeccionista em todos os estilos de natação. Também ela, fora nadadora do tricolor. Nada maravilhosamente bem. Com um deslize de causar inveja. Ensina-me os “macetes” do nado de costas. Melhora minha flutuação. Coordena minhas braçadas. Ativa minhas batidas de pernas.

Quando volto a São Paulo minhas amigas ficam impressionadas ao verem as melhoras. Sei que olhos de leigas pouco “enxergam”. Não me importo. Subo para dois mil metros diários. Não me canso. Não ultrapasso esta marca. Dois mil metros nadados diariamente já me parecem suficientes para exercício. Também gosto de brincar com minhas amigas. Na parte rasa. Poucas se aventuram a acompanhar-me à parte funda.

Há as que vão com bóia. Só vão com bóia. Nem todas. Há as que sabem nadar. Nadam bem algumas. Nenhuma com o estilo de minha irmã. Na praia — nas piscinas chama a atenção de qualquer pessoa pela perfeição com que nada. Pelo seu deslizar. Nenhuma delas foi nadadora.

Vou a Vitória: lá nado também numa praia particular. Com minha irmã. A caçula. Esta também foi nadadora do Fluminense. Tem muito desembaraço na água. Parece um peixinho. Muito lépida. Adoramos nadar juntas. Brincar. Passamos horas e horas. Dias e dias inteiros na praia. Levamos uma merenda. Despreocupadas passamos dias despreocupados na tranqüilidade da praia particular. Mar manso — calmo como no Posto 6, em Copacabana.

Vou a Ubá. Dois anos: uma temporada de uns dez a quinze dias cada vez. Lá na piscina de amigas EU E MINHA IRMÃ H. aperfeiçoamos a técnica de meu nado de costas. Já está perfeito. A coordenação de movimentos perfeita. A flutuação perfeita. O deslize perfeito. Lembro-me de quando nadava no Fluminense, pelo meu Fluminense. Lembro-me das competições. Lembro-me das medalhas.

Quem me vê, hoje, desajeitada, quase como uma aleijada, andando com dificuldade, quase sem poder falar, duvida na certa de que já tenha sido campeã um dia. É des-

conhecer as limitações que uma operação fracassada pode acarretar. É não acreditar que o passado é uma coisa e o presente é outra. Se essas mesmas pessoas me vissem nadando hoje, certamente não acreditariam no que seus olhos estariam vendo.

Lembro-me de que na infância e na mocidade quando me perguntavam do que gostava mais de fazer, respondia sem pestanejar: “estudar e nadar”. Sempre foram minhas atividades preferidas. Hoje não estudo mais. Só francês. Pouca coisa. Não se compara ao estudo nos Colégios e Faculdades. Lá eu brilhava. Principalmente na PUC.

Em Ubá, no ano de 75, reaprendo a nadar de peito. A princípio por baixo da água. Descubro que tenho ainda a perfeita coordenação entre pernadas e braçadas. Depois à superfície. Fico com a descoberta. É uma grande vitória. A flexibilidade dentro da água também aumenta com os anos. Cada ano, na praia, minha irmã H. e eu constatamos que estou cada vez mais flexível. Na última temporada em Ubá, pareço ter atingido o CLÍMAX. Dentro da água sou *fisicamente perfeita*: perfeita no meu equilíbrio. Perfeita nos meus movimentos. Perfeita na flexibilidade...

Em 76, no primeiro dia do ano vou a Brasília. Lá também vou nadar. E quanto nado! Em casa de uma de minhas amigas há uma piscina. Num clube: o COTA MIL. Em outra piscina particular. Nas águas quentes da Pousada do Rio Quente. Cada vez com mais desenvoltura.

## CAPÍTULO XIX

### AMIZADES

“O homem só, é um triste.”

Muitas amizades tenho. Faço muitas em São Paulo, quando operada. A ponto de considerar minha a casa delas. Elas também me consideram da família.

Tenho-as em Vitória. Em Ubá. Em São Paulo: muitas. Muitíssimas... No Rio: amigas e primas. Primas e primos. Em Brasília, duas antigas alunas das quais fui professora. Lá por volta do período de 54 e 59. Hoje, por coincidência, moram ambas em Brasília. Com estas correspondo-me semanalmente. Às vezes três cartas semanais. Depende do assunto. Havendo assunto, há carta.

Um verdadeiro “toma lá dá cá”. Minha correspondência com essas duas amigas é famosa na família. Frase de todas as semanas:

— Carta para você de Brasília — Guida.

— De qual: A. L. ou S.?

Não raro a resposta: das duas.

A. L. e S. são as minhas amigas prediletas. Engraçadas. Inteligentes. Versáteis. Malabaristas da palavra. Divirto-me com as suas cartas. Bem escritas. MUITO BEM ESCRITAS. Como a professora de português de ontem, orgulho-me. Como amiga de hoje, aprecio-as. Variados assun-



São assunto: alegrias comunicadas. Tristezas. Preocupa-  
Fracassos. Futebol também é assunto. As vitórias do  
tricolor. As derrotas do meu tricolor. "SHOWS" de  
Buarque são assunto. Planos para o presente. Pla-  
para o futuro. Casa nova. Mudanças. Aclimatações. Via-  
Maridos. Novelas. Filhos. Estudos dos filhos são asun-  
O célebre "cri-cri": crianças e criadas. Revivem nos  
as saudades de seus tempos de Colégio. É um con-  
despertar para coisas sempre novas.

Neste vai e vem, de 19 anos de correspondência, quanta  
já passou pelas cartas. Quantas descobertas! Quan-  
desabafos... Quantas confidências... Nossos êxitos...  
frustrações... Apreciações mútuas. Sempre franque-  
Sempre corações abertos. Trabalhos. Vida doméstica.  
Doenças na família. Parentes e amigos. É a morte de pes-  
conhecidas que tanto nos chocam.

Tenho grande confiança nelas. Têm grande confiança  
em mim.

Base de mútua — recíproca confiança — indispensá-  
vel para qualquer amizade verdadeira.

Além das cartas há também os encontros — às vezes,  
programados: lá ou aqui.

Viagens. Convites. Há presentes. Vêm ao Rio. Vou a  
Brasília.

O último encontro foi em janeiro de 76. Uma delas con-  
vidou-me para passar uma temporada em sua casa. Vou. De  
avião. Sozinha. Gosto muito mesmo da casa — de todos da  
casa. Depois passo alguns dias na residência da outra, on-  
de há piscina. Como é bom acordar de manhã e já estar  
pronta para nadar. Nem preciso sair de casa.

Para mim, Brasília resume-se nestas duas amigas: A.  
L. e S.

Com elas passo horas agradabilíssimas. Há 15 anos,  
não tenho férias tão agradáveis como as que passei em ja-  
neiro de 76 em Brasília. E em janeiro de 79, ainda em Bra-  
sília...

São saídas de carro a todas as horas. De manhã. A tar-  
de. À noite. Sempre de carro. As duas amigas guiam. Nem  
é possível a vida em Brasília sem carro.



Com uma delas vou à POUSADA DO RIO QUENTE. Vou e adoro. Já conhecia a Pousada: em 70 lá estivera com minha mãe e irmã H.

Mas desta vez é diferente: vou com uma das minhas amigas prediletas.

Minhas amigas fazem que nada me falte. Nada de material. Principalmente nada do que é tão importante para mim: Calor humano. Compreensão. Carinho. SINTO-ME QUERIDA. ESTIMADA. Não como a antiga professora, mas como a amiga de sempre.

Haverá algo de mais relaxante para mim que vivo de baixo de tensão? NEM ME LEMBRO DE QUE NÃO FALO DIREITO. Tão bem me comunico com elas. Carinho. Compreensão. Calor humano. O principal na minha vida. *Sentir-me querida. Estimada. Amada: o essencial.*

Eis aqui o “milagre” de Brasília — 76: um banho de tranqüilidade que faz de mim outra pessoa. Eis o mesmo milagre repetido em Brasília — 79 com o conhecimento de um rapaz que se tornou meu grande amigo. Como eu, um DIFERENTE. Um EXCEPCIONAL.

Há ainda outra amiga, antiga aluna T. que, por coincidência, mora também em Brasília.

Outra contribuição. Contribuição importantíssima numa temporada que me marca profundamente. Que me marca com o sinete da “AMIZADE”.

Hoje, já não somos mais antiga professora e antigas alunas. Somos amigas. Amigas a quem nem a diferença de idade parece mais contar.

Outras antigas alunas há com quem eu tento manter correspondência. Indago seus endereços. Escrevo-lhes duas ou três vezes. Recebo duas ou três cartas suas. Depois a correspondência morre. São elas que a matam. EU JAMAIS APAGARIA UMA MECHA QUE AINDA FUMEGASSE. Tento, não consigo. Nem todas têm a têmpera, a mesma amizade de A. L. e S. Falta-lhes assunto? — Não! as primeiras cartas são bastante noticiosas. Falta-lhes perseverança? Sim. Falta-lhes interesse? — Talvez. Realmente... que graça tem a antiga professora a quem a doença — a malograda operação reduziu a um quase nada?

No Rio, de vez em quando, revejo antigas colegas. Co-  
legas de Colégio. Colegas de Faculdade. Fazem sempre uma  
festa. Eu tenho prazer em cultivar todas as amizades que  
a vida me oferecer. Amo. A FESTA QUE ME FAZEM É UMA  
UNICA FESTA.

Isto me entristece. Vem-me freqüentemente o mesmo  
pensamento. Elas querem naturalmente amigas normais,  
com quem possam conversar à vontade. Sem bloqueios. Sem  
atraves. AMIGAS DE APARÊNCIA NORMAL. Não a mim.  
E não me procuram mais...

No Rio, há ainda as amigas de minha irmã H. Minhas  
amigas também. Entre estas minha professora de francês.  
Saio com elas. Vamos à praia. Estas parece que me apre-  
ciam. Sinto-me bem com elas. Inteiramente à vontade. Uma  
meia dúzia. Amigas divertidas. Nossa convivência me é mui-  
to facilitada pela presença de minha irmã. Sempre notam  
as minhas melhoras. Passeamos de carro. Almoçamos. Saí-  
mos muitas vezes juntas. Inteligentes, conquistam-me. Con-  
quistando-me, cativam-me.

## CAPÍTULO XX

### HOJE

Hoje, eu estou melhor. Muito melhor. Já vinte anos se passaram. Vinte amargos anos. Com o correr do tempo, a “mãe natureza” trabalha. TRABALHA LENTAMENTE. Muito lentamente mesmo. Eu não me conformo em estar — segundo mim mesma — tão atrasada ainda.

Quero falar com voz forte e alta. Quantas vezes sinto a voz escorregar-me garganta abaixo. Quero falar fluentemente. Correntemente. Livremente. Sinto-me ainda tão presa na linguagem. Tão atada na fala...

Quero andar normalmente. Já não consigo o “andar de Gabriela”. Voltaram as pernas pesadas. O andar arrastado. Os joelhos curvos. A descentralização do andar. Tudo voltou. Tento inúmeras vezes “repegar” o andar de Gabriela. Não o consigo. Dou uns passos. Passos naquela marcha, em frente ao espelho. Depois, esqueço. Volto para meu antigo andar.

Terá sido a imagem de “Gabriela” que se me apagou da memória ou será mesmo uma impossibilidade física?

Qual a causa? Não sei. Outra pergunta sem resposta.

Conservo todos os outros triunfos. Triunfos recentes. De novembro de 75 até o dia de hoje, ao menos, a letra — uns dias mais firme — outros dias, menos firme. Corto as unhas. Faço questão de eu mesma cortar as unhas. Não

quero que ninguém as corte. Pinto as unhas. Os lábios. Às vezes, ainda canto. Mas só acompanhada.

Ainda tenho as minhas manias. A da luz elétrica. A de benzer-me inúmeras vezes. A das letras A e O. A mania de repetir três vezes as palavras negativas. Em tudo, há dias melhores. As melhores fases. E os dias piores. As fases piores. Há momentos em que me sinto amarrada em minhas próprias malhas. Há momentos, em que tão calma e relaxada me sinto, que teho a impressão de que já estou boa. Boa das minhas manias compulsivas. São momentos em que já antevejo a libertação. MOMENTOS CURTOS ESTES — mas já momentos de libertação.

Psiquicamente evoluí muito: já não sou mais aquela pessoa insegura. Inteiramente dependente como nos primeiros anos, depois do desastre: hoje, sinto-me “alguém” a que queria agarrar-me, na noite de trevas da hibernação. Aquele “alguém” que fora antes da operação... Hoje, sinto-me “alguém”. “Alguém” com realizações pessoais.

Talvez o leitor, se mora em Copacabana. Se passar por lá já me tenha visto na rua — em algum Banco — em alguma agência do correio. Em farmácias ou lojas. Nos elevadores. Nos ônibus. É fácil identificar-me: em primeiro lugar, por minhas “manias” — a de benzer-me muitas vezes. Repetidas vezes, num gesto nervoso. Frenético. Depois, por meu olhar. Olhar espantado. Olhos arregalados. Demasiadamente arregalados. Percebo que os outros *não me acham normal*. Eu o sinto. Analiso-me da cabeça aos pés. Chego à conclusão de que só podem ser quatro coisas: *Andar. Olhar. Manias. Fala*. Percebo que não sou “normal” com as crianças: num primeiro contato comigo, sempre se assustam. QUEM ASSUSTA AS CRIANÇAS não é normal. Meu drama.

Em março de 78, uma estranha anomalia no meu andar: sinto-me insegura nas ruas. A princípio, só nas travessias... Depois, também nas calçadas... Já não posso mais sair sozinha: nem vou a bancos, nem ao correio, nem à Igreja, nem à farmácia: não faço compras...

Terá tudo se acabado para mim da noite para o dia? Vou a muitos médicos: à procura de explicações... em busca de cura... Ao menos, se eu voltasse a andar mal, MAS ANDAR: é o que eu queria... NENHUM MÉDICO SA-



BE DE NADA... NINGUÉM EXPLICA NADA... E EU SÓ QUERIA PODER ANDAR NOVAMENTE. LIVREMENTE. SEM PEIAS. ERA TUDO O QUE QUERIA... MAS NEM SEMPRE QUERER É PODER: minha realidade o afirma e demonstra obviamente... — “Isto é psicológico”... declaram algumas pessoas... Mas por quê? Estou de acordo com as CAUSAS PSÍQUICAS... MAS QUAIS SERIAM ELAS? E DAÍ? AGORA FALAR E ANDAR, FAZEM O MEU DRAMA...



## CAPÍTULO XXI

### ESTRANHA LITANIA

Ao amanhecer de cada dia: “Busca-me! Senhor — depressa”.  
Meu primeiro pensamento consciente ao despertar:  
“Busca-me! depressa.”

Ao cair da noite: “Busca-me! Senhor — depressa”.  
Meu último pensamento consciente, antes de adormecer:  
“Busca-me! depressa.”

Atropelada ou queimada: “Busca-me! depressa”.  
Ou eletrocutada: “Busca-me! depressa”.

Num desastre de avião: “Busca-me! depressa”.  
Num desastre de carro: “Busca-me! depressa”.

Por uma nova parada cardíaca: “Busca-me! depressa”.  
De meningite ou de cólera: “Busca-me! depressa”.  
Ou de leucemia: “Busca-me! depressa”.

De cirrose ou de congestão: “Busca-me! depressa”.  
De derrame ou de enfarte: “Busca-me! depressa”.

Em qualquer epidemia: “Busca-me! depressa”.  
Em qualquer hecatombe: “Busca-me! depressa”.

Nos fracassos pequenos ou grandes: “Busca-me! depressa”.  
Nas vitórias — nas grandes vitórias: “Busca-me! depressa”.

Nas lágrimas de alegria: “Busca-me! depressa”.  
Nas lágrimas quentes das decepções: “Busca-me! depressa”.

Nas derrotas do meu TRICOLOR: "Busca-me! depressa".

Nas vitórias do meu TRICOLOR: "Busca-me! depressa".

Nos dissabores da vida diária: "Busca-me! depressa".

Nos prazeres da amizade: "Busca-me! depressa".

Através da minha longa caminhada — plantada na estrada  
da vida — recito a estranha litania.

Alcool mais tranqüilizantes: "Busca-me! depressa".

Tranqüilizantes em quantidade: "Busca-me! depressa".

Mistura de vários tranqüilizantes: "Busca-me! depressa".

Pelo tudo e pelo nada: "Busca-me! depressa".

Pelo sim e pelo não: "Busca-me! depressa".

E mais raramente: "Cura-me! Senhor — mas depressa".

...Cada vez mais raramente: "Cura-me! depressa".

Os trâmites da vida já me mostraram que não é este o ca-  
minho da cura...

Não é a solução. Serei ainda curada por um milagre de  
DEUS?

Continuo minha covarde e estranha litania. *Presa a ela.*

*Fixada nela.*

## CAPÍTULO XXII

### DO OUTRO LADO

Aqui deixo uma mensagem a todos os meus irmãos de sofrimento físico. Sofrimento moral. “Virem-se para o outro lado da vida.” A vida tem muitos lados. Cada pessoa, tem que descobrir qual do seu “outro lado”. Procurá-lo. Amá-lo. Se possível entregar-se a ele. Ninguém pode ficar “amarrado” a seu sofrimento. Se fica — enlouquece.

Descobri isto no momento em que descobri que Deus — o meu Senhor — não vem buscar-me.

Viro-me então para o “outro lado” da minha vida. É o mundo das compensações. Mundo válido. Mundo lícito. Mundo feito de muitas alegrias. De muitos prazeres.

Para cada pessoa este mundo varia. Há de variar. Necessariamente varia.

Adoro minha casa e minha família. Adoro escrever. Escrever cartas. Fazer amigos. Adoro minhas amizades. Novas e antigas. Fazer os outros felizes. Dar presentes. Adoro a música de Chico Buarque. Ouvir seus discos. Tenho-os todos. Não há música sua que saia que eu imediatamente não compre ou ganhe. Adoro viajar. Voar. Nadar. Adoro futebol. O meu Fluminense. Ir ao Maracanã. Gosto de ler. De alguns programas de televisão. Gosto de ficar em casa. De dormir. E quem não gosta?

Mas acima de tudo EU ADORO A DEUS — o meu Senhor — que entretanto, podendo vir buscar-me para fazer-

-me mais feliz — eternamente feliz — não vem. Deixa-me plantada pela vida afora. Pela longa estrada da vida. Tenha que percorrer esta estrada. Mesmo com a boca amarga. Com nó na garganta. Com lágrimas nos olhos. Sem o querer. Contra a minha vontade.

Tenho que ir adiante. Sempre adiante. Cada dia um pouco mais. Sem parar nunca minha caminhada. Sempre mais um pouco. Um pouco mais.

Há o “outro lado” da vida. Vida que antigamente — antes do desastre — amava. Vida que — depois do desastre — passo a odiar. Odeio-a muitos anos. Odeio-a durante 20 anos.

Até que um dia eu paro. Paro e olho. Olho e vejo. E vejo em meu redor uma porção de coisas boas que eu ainda tenho...

Cada um tem “o outro lado” de sua vida.

Doentes físicos. Paraplégicos. Mutilados. Acidentados. Cancerosos. Surdos. Mudos. Cegos. Os meus irmãos doentes morais. Os que têm uma ferida aberta no peito. Ferida de traição. De desamor. De incompreensão.

Aqueles para quem tudo é difícil. Aqueles que estão amarrados, como eu o estou, por minhas manias. Aqueles cujo coração parou de bater, não por uma parada cardíaca. Por uma outra parada. Talvez mais séria. Talvez de consequências mais funestas. Os meus irmãos na dor. Paradas cardíacas de outra ordem. Ordem sentimental. Ordem moral. Cada um tem “o outro lado” da SUA VIDA.

Aqueles que sofrem nos seus corpos. Nos seus corpos? — Não. Aqueles que sofrem no coração. No espírito, repito: viremo-nos todos: eles e eu para o “outro lado” da vida. Para aquilo de bom que a vida de cada um pode oferecer ainda.

Tenho certeza de que a mim muito foi deixado, NÃO HÁ QUEM NADA TENHA. Alguém a quem tudo tenha sido tirado. Deus nunca é tirado de ninguém. Privação que não há em nenhuma vida humana.

Quem pode falar fluentemente fale saboreando bem cada palavra.

Quem pode andar perfeitamente ande. Por todos aqueles que não o podem.

Quem pode enxergar olhe as maravilhas de um mar azul ou de um céu estrelado. Por quem não pode enxergar.



Quem tem todos os membros use-os. Por seus irmãos a quem já foi tirado um. Ou alguns.

A todos quando nada mais restar resta ainda Deus. Quem há que possa dizer que não tem Deus ao seu alcance?

A todos os meus irmãos quero frisar minha experiência maravilhosa com Deus. Todas as noites antes de adormecer respiro o meu Deus. Respiro-o tranqüilamente. Ainda nas frustrações. Ainda nas desilusões. Respiro-o DEMO-RADAMENTE. PROFUNDAMENTE. CONSCIENTEMENTE: eis o segredo da minha felicidade íntima. Mesmo nos dias amargos. DEUS TARDA, MAS NÃO FALTA JAMAIS.

Apesar de meu drama. Apesar de meu desejo contínuo da morte sou feliz ainda.

Respirando meu Deus eu o possuo. Possuindo-o nada me falta. Tenho muita vivência. Muita “prática” deste contato com Deus. Contato de respiração. Contato de olhar. Visão de fé.

Não sei calcular se para as outras pessoas isto será fácil. Ou possível. Quero que seja possível a todos. Talvez exija muita concentração. Não sei calcular: em mim é um hábito QUE JÁ FAZ PARTE DE MIM...

No início deste capítulo digo que todos (meus irmãos e eu) nos viremos para o “outro lado” da vida. É principalmente a isto que me refiro.

Não são coisas da vida material — que eu tenho. É a meu Deus, assim tão ao meu alcance.

A MENSAGEM que eu quero deixar neste livro — a todos os que o lerem — especificamente a todos os meus irmãos no sofrimento. MENSAGEM QUE SAI DO FUNDO DA MINHA ALMA para todos aqueles a quem a vida roubou algo que lhes era essencial. Ou que lhes parecia essencial: virem-se para “o outro lado”. PROCUREM LÁ SEU DEUS.

Hão de encontrá-LO. ELE ESTÁ LÁ. Do “outro lado” DA VIDA DE CADA UM.

Se não for desta maneira há de ser de outra: há mil maneiras de se atingir a Deus. Não é necessário que seja assim como Deus se manifesta a mim.

Afinal: “NA CASA DO PAI HÁ MUITAS MORADAS”.



## CAPÍTULO XXIII

### EU E MEU DEUS

“Quando tu me fitavas, tua força em mim teus olhos imprimiam” [São João da Cruz]. Vou levantar um pouco o véu de minha íntima relação com Deus — o meu Senhor.

Não quero rasgá-lo abruptamente, mostrando, em toda a sua nudez, minha absorção nele.

Quero apenas levantar um pouco o véu.

“Quando tu me fitavas...”

Há anos. Longos anos em que Deus e eu nos fitamos num longo olhar. Olhar de amor.

Nas noites. Em cada noite de minha vida, Deus me fita, e eu o fito.

Nas madrugadas, em todas as madrugadas de minha vida. Deus me fita e eu o fito.

Em cada dia que amanhece, Deus me fita e eu o fito.

No borborinho das grandes avenidas das grandes cidades Deus me fita e eu o fito.

Na luminosidade das praias, Deus me fita e eu o fito.

Nos meus passeios, das janelas dos carros, ônibus ou aviões, eu o vejo: Deus me fita e eu o fito.

Nas montanhas. Campos. Nuvens. Árvores. No céu azul, Deus me fita e eu o fito.

Naquela tormentosa noite — a dos mil nomes — Deus me fitava e eu o fitava.

Na noite em que me agarro a meu nome, sinto que um fio me mantém presa.

Só depois reconheço neste fio o olhar de Deus.

E num grande amor, numa longa estória de amor, Deus e eu nos fitamos mutuamente. Demoradamente. Longamente.

“Tua força em mim...”

E nos amamos...

E nos cruzamos sem pernas — Deus abate-se sobre mim.

E nos abraçamos sem braços — “Deus me envolve toda”.

E nos beijamos sem bocas — “Coloca, sob minha cabeça, a sua mão” (Sl 138, 4-5).

“Teus olhos imprimiam...”

Apenas o olhar nos une. O olhar e a respiração.

Eu O respiro tranqüilamente, enquanto mantenho os olhos fixos n’Ele. Fixam-se perdidos, ausentes... perdida-mente... No tempo e no espaço.

Desde a minha juventude, fui chamada por este caminho. Uns vinte anos mais tarde, O DESASTRE — A PARADA CARDÍACA — A MASSAGEM CARDÍACA — O INÍCIO DO DRAMA.

Minha linha não se desvia nem para a direita nem para a esquerda.

Sempre em frente — como uma seta — sempre mais e mais, adentro deste mútuo olhar.

Tento comunicar esta experiência a outras pessoas — quase sem êxito: ou não a assimilam ou não acreditam em mim.

“Mística” consideravam-me antes da operação.

“Terra a terra” consideram-me agora. Mas não me importo. Não dou a isto a mínima importância.

O que realmente conta — a única coisa que importa — é que possuo meu Deus. Deus a meu alcance em todos os instantes do dia. De todos os dias da vida. Em todos os instantes da noite. De todas as noites da vida. Em todos os instantes da vida. De minha vida inteira...

Dentro de mim, Deus comunica-se. Jorra abundantemente. Inunda-me na água viva de que fala São João.

Deus está sempre aqui. Sempre diante de mim. Sempre a fitar-me. Sempre a inundar-me.

Mantém-me mergulhada n'Ele. E eu o fito. E eu o respiro tranqüilamente. Pacificamente.

Da estória longa desse grande amor, nasce um filho: O AMOR — O AMOR — forte como a morte: (Cânt. dos Cânt.).

E esse grande amor, nessa longa estória, gera uma filha: A VIDA — a força da vida.

## CAPÍTULO XXIV

### O MISTÉRIO DA REJEIÇÃO

Muitas limitações. Limitações demais — tenho ainda. Limitações que cansam.

Causaram-me uma rejeição. O mistério da rejeição faz-me semelhante a Cristo: o GRANDE REJEITADO — eu a rejeitada.

Que é ser rejeitada para quem tem um SOL a brilhar-me? A aquecê-la?

No frio. Nos calafrios da hora amarga da rejeição só pensava no MEU SOL.

Doeu. Doeu fundo. Doendo: marcou. Marcas de medo. Desconfiança. Insegurança.

Deixou trauma. Traumas.

No fundo. No fundo. Analisando profundamente a causa: minha dificuldade de fala. Palavras atravessadas na garganta. Minha deficiência física.

Sei que cansei. Canso. Cansarei sempre. Involuntariamente.

“FOI DEUS QUEM ME FEZ ASSIM.” QUE CULPA EU TENHO?

Choro.

MEU DESTINO: CALAR. Viver no silêncio. Trancada. Trancafiada.

Não cansar: o caminho para evitar futuras rejeições.

Rejeitada. Banida. Lembrava-me de Fernão Capelo Gervota. Também "banido do grupo".

Recordava-me da estória. Paulatinamente. Incompreendido? Certo. Injustiçado? — Certamente...

Tudo passou. FICOU O SOL. SUA TERNURA. SEU AMOR. SUA ETERNA AMIZADE.

Falta de boa-vontade? Paulatinamente.

Incompreensão? Certo. Desamor? Talvez.

Má vontade? Mistério. Só Deus julga...

Só ele sabe.



## CAPÍTULO XXV

### O DIA DAS MIL GRAÇAS

Minha intenção foi fazer deste capítulo — “O DIA DAS MIL GRAÇAS” uma réplica ao primeiro — “A NOITE DOS MIL NOMES”. Não sei se consegui. Poderia chamar-se: “ODE AO SOL” — em prosa. Optei pelo primeiro. O último estaria mais dentro do contexto. Da realidade.

Fins de verão de 61: início do drama — DA DESGRAÇA — fins de janeiro de 81 — início DA GRAÇA.

Lá preferia a morte. Aqui a vida. Mesmo de DEFICIENTE FÍSICA: meu drama. *Minha graça*. Vinte anos de revoltas. Revoltas? Não: uma única e interminável revolta. Vinte anos vivi meu drama.

Já aceitei minha condição de DEFICIENTE FÍSICA. Nesta aceitação, grande paz: “PAZ E TRANQUILIDADE VIERAM PARA FICAR” (Sl 130).

Surgiu em minha vida um grande “SOL”: um SOL resplandecente. Brilhante. Refulgente. Fulgurante. Quente. Destes que aquecem sem queimar. O SOL transformou-me inteiramente da noite para o dia. Como da noite para o dia fora transformada em DEFICIENTE FÍSICA.

É a única e maravilhosa realidade que enxergo no dia em que estou mergulhada. Sei qual é minha personalidade. Meu nome. Estou viva e consciente do que me cerca: de um SOL. Uma LUZ “ANTIGA E SEMPRE NOVA” — semelhante a Deus.

Um único e interminável dia que me faz a vida.

É cheio de SOL. Paz. Calor humano. Tranqüilidade. Raios brilhantes. Luminosidades mil. Serenidade.

É um não querer dormir para jamais despertar em outra realidade.

O SOL a que me uno na passagem dos dias — do dia em que estou mergulhada — uma amiga. Uma entre ~~as~~ "A AMIGA": M. M.

Sucedem-se dias sobre dias: um único dia feito de muita Serenidade — Paz. Raios brilhantes. SOL. Calor. Calor humano. Tranqüilidade. Luminosidades mil. E mais calor. Calor humano. Raios brilhantes. Luz. Luminosidades mil. Tranqüilidade. Paz. Um grande SOL. Serenidade. Luz. Raios brilhantes. SOL. Tranqüilidade. Paz.

Neste dia regozijo-me. Saboreio. Exulto. Vibro.

A parada cardíaca deixa marcas. E que marcas? Marcas para uma existência inteira: de meiguice. Humanidade. Compreensão. Bondade. Carinho. Doçura. Amor. Fidelidade ao apelo. Ternura.

Aquele que ama com um grande amor nunca perde a esperança. Era grande seu amor. É ainda. Um amor de mais de oito anos. "Um amor forte como a morte".

Destes que fazem *milagres*. O *milagre*: *minha transformação radical*: vinte anos de contínua revolta em uma vida inteiramente nova — *de plena aceitação*. Acolhimento. Recebimento do que Deus marcou para mim.

Está sendo duro. Duríssimo. É o caminho. Único caminho para a tranqüilidade.

Este SOL brilhou um dia. Brilhará eternamente. Preciso dele *para viver. Para respirar. Para aquecer-me*.

Este SOL reluzente surgiu na hora certa: na hora de Deus — A "HORA DE DEUS". Coisa importantíssima. Aprendi esta lição no dia em que o SOL brilhou.

O SOL não disse nada. Precisava dizer? Apenas existiu. Viveu ao meu lado horas. Muitas horas de amizade. Falaram mais alto que as palavras. Seu silêncio tocou-me lá no fundo. Lá onde morara a revolta. Atingiu-me em

ceio. Expulsou a revolta. Ensinou-me a aceitar. **PENSAVA QUE JAMAIS ACEITARIA.**

M. M. agiu **NA HORA DE DEUS.** Ignorava que havia sido a pessoa escolhida por Deus para operar minha transformação.

Muitas lágrimas, custou-me aceitar. Muitas lágrimas me custa. Muitas lágrimas me custará ainda. A aceitação cada dia renovada. Há de ser assim. De outra maneira não vai. **Manias repetitivas** fazem-me sofrer. Ainda hoje amigas zombam delas. Manias humilhantes. Vexatórias. Nem minha mãe as entende.

Fala. Andar. Aparência anormal. Foram meu drama — a trama de minha vida.

Hoje só os constato. Aceito-os. Recebo-os plenamente. Olhos baixos. Mãos postas. Coração aberto. Atitude de prece. Nos olhos lágrimas. Incontidas. Incontroláveis. Diárias. Lágrimas de todas as horas. Lágrimas de sempre. Até quando? Pergunta sem resposta.

Pelo seu silêncio o SOL fez o que fez. Muitas outras coisas ensinou-me. Nem sabe. Saberá algum dia? Saberei eu?

M. M. foi perseverante: **AQUELE QUE AMA NUNCA PERDE A ESPERANÇA. AMIGO É AQUELE COM QUEM SE PODE PENSAR EM VOZ ALTA. E BAIXA TAMBÉM.**

Seu silêncio foi o que mais atuou em mim.

Não que não tenhamos conversado nada. Conversamos bastante. Muito mais do que previra eu. Falamos muitíssimo. O SOL é "FORA DE SÉRIE": Uma pessoa para quem tudo o que digo parece ter uma importância única. Importância capital. Vital. Será impressão minha? — Não creio. **PREFIRO ACREDITAR NA SUA AMIZADE** — para mim importantíssima — esta sim: **VITAL.**

Outra lição de seu silêncio. Lição posterior: não esperar mais nada da vida senão **DEUS.** Será que ela tem noção dessa mensagem? Não sei.

Houve também um fato **MÍSTICO** decisivo na estória da minha transformação. Não é narrado aqui. **MUITO ÍNTIMO.** Para M. M. e para mim. *Foi o principal.* O ponto que me moveu. Um fato envolto no silêncio. **SILÊNCIO**

DAS GRANDES HORAS. DAS PRINCIPAIS HORAS DA VIDA. Gesto muitas vezes vivenciado.

Na noite do dia em que surge o SOL brilha também uma LUA. Torna-me a noite fulgurante como o dia. Noite festiva. Faz que as trevas para mim não sejam mais trevas. Surgem muitas estrelas. Continuam a aparecer pela vida a fora. Cada vez mais. LUA — ESTRELAS fazem-me mais feliz. Depois nasce outra LUA. Muitas estrelas vão surgir. OUTRO SOL JAMAIS SURGIRÁ. Aquele é único. Um SOL que me faz felicíssima. AQUECE-ME. ESQUECE-SE.

Eu via. Anotava em meu coração. M. M. ficava feliz por fazer alguém feliz. Para aquecer quem se ama é preciso saber esquecer-se.

Como é bom a gente se sentir amada. Esta experiência tive. Tenho: os carinhos de minha mãe. A ternura de minhas irmãs.

A presença de M. M. infundia-me tranqüilidade. Tranqüilidade de quem se sabe amparada por alguém — MUITO SOLICITADA. REQUISITADA — que parecia não ter mais ninguém para cuidar. Para ajudar.

Foi esta a impressão que guardei da presença de meu SOL. “Na tua Luz, vemos a Luz”. Ainda que não corresponda à realidade. Para mim — subjetivamente — uma realidade inesquecível. Uma realidade revivida cada dia. Sempre renovada; realidade viva. Tranqüilidade.

“LUZ NOS MEUS CAMINHOS. PAZ NA MINHA VIDA.”

Testemunhas vivas. Testemunhas atuais da verdade.



## OS DIFERENTES

Há os DIFERENTES que nasceram assim: mongolóides — mutilados — surdos — mudos — retardados — cegos etc... O que eles sofrem muitas vezes não se percebe e quando não atingem o uso da razão... Por que nasceram assim? Só Deus sabe...

E há os DIFERENTES que se tornaram DIFERENTES — que “VIRARAM” DIFERENTES, de uma vez, de repente. Quando a vida parecia sorrir-lhes — quando eles menos o esperavam, a vida fê-los DIFERENTES. Talvez um acidente, um enfarte ou quem sabe lá quantas coisas... Há os que, uma noite, foram deitar-se normais — fortes — sadios e, quando despertaram, eram já EXCEPCIONAIS — DIFERENTES...

Não importa qual tenha sido a causa: a duração desta noite nem a sua natureza. Ei-los acordados TRANSFIGURADOS EM DIFERENTES... Por quê? Só Deus sabe...

Ei-los acordados: reduzidos a farrapos humanos: um quase nada na escala de valores humanos. Muitos reduzidos estavam a crianças: teriam que reaprender tudo: o andar — o falar — o equilíbrio — o comer à mesa e tudo o mais...

Marginalizados da vida, os DIFERENTES — os EXCEPCIONAIS — se lúcidos, sofrem mais, muito mais ainda que seus irmãos carentes da plena consciência...

Há na vida de cada DIFERENTE — fala-se aqui dos lúcidos naturalmente — uma hora crucial — limite de lou-



cura — é o momento em que percebe claramente que Deus não virá buscá-lo... Que Deus não QUER curá-lo. Quem sabe? Deus ainda virá curá-lo um dia?

Enquanto tinha uma leve esperança da cura, vivia — respirava uma certa tranqüilidade — era uma vida cor-de-rosa, feita de muitas tardes cor-de-rosa. Eram tardes falsas... A desilusão esperava-o atrás de uma curva de estrada... Ele — néscio — não o sabia... Não sabia que Deus jamais viria curá-lo... Deus jamais viria libertá-lo. Depois que constata que não se fará o milagre — tão sonhado — tão acalentado — tão almejado — quem sabe durante quanto tempo? Anos? Muitos anos? Quem sabe? A vida inteira...

Depois que constata que viver desta esperança é “chover no molhado”. É apenas uma frustração a mais na história de muitas frustrações — já não quer saber das possibilidades de “melhorar”... MELHORA NÃO É CURA TOTAL E DEFINITIVA...

Para que fazer exercícios de recuperação — fastidiosos e cansativos — caros para a sua família a quem já não pode ajudar financeiramente? Se ele já sabe que tudo dará em nada?

E tem raiva de quem se bate por eles... De quem, não estando dentro dele, não sabe da inutilidade de tantos exercícios... De quem pensa que com isso vai melhorar... Não melhora NADA... Disto tem certeza... A experiência já mostrou a ineficácia de tantas horas — tantos dias — tantos anos gastos na sua “recuperação”. Disto ele tem certeza: aquilo tudo não é nada. Não serve de NADA... É a sua certeza — NA SUA TEIMOSIA OU NA SUA BURRICE COMO QUEREM ALGUNS...

Não obstante sua decepção com Deus, que não quer libertá-lo, o DIFERENTE, na sua absurda e contínua ilusão, adormece, na esperança de que “AMANHÃ SERÁ OUTRO DIA” — um dia diferente, talvez. Como em todas AS NEGRAS NOITES QUE FAZEM A SUA VIDA, DESPERTA SEMPRE COM A CONSCIÊNCIA DE QUE NADA MUDOU: SEMPRE SE DESILUDE NA MANHÃ DE SUA EXCEPCIONALIDADE.

O DIFERENTE carrega em si manias. Manias irritantes. Manias enervantes para si e para os outros. MANIAS VEXATÓRIAS MUITAS VEZES... São tiques nervosos,

... mais reprimidos, quanto mais insistentes. Incoer-  
tes. Compulsivos. E paga caro por sua involuntária dis-  
pância. Traz em si chagas sempre abertas. Feridas sem-  
pre abertas. Sempre chagando. Sempre sangrando. Sem-  
pre doendo. Feridas. Chagas de palavras, provocadas por  
estas mesmas manias — UMA PEQUENA FRASE, BEM PE-  
QUENINA, palavras que lhe penetram as entranhas. Pa-  
lavras que lhe queimam os sentimentos numa revolta ínti-  
ma. Palavras para sempre INCONFIDENCIADAS. Por-  
que palavras INCONFIDENCIAVEIS...

DIFERENTE é o que, com o nó na garganta — com  
a boca seca — com lágrimas nos olhos “grama” pela es-  
trada da vida. Tem que ir sempre adiante, sem parar nun-  
ca. Sem nunca poder parar, como se não tivesse em seus  
olhos, lágrimas — na sua garganta, um nó, nem a sua bo-  
ca seca...

O DIFERENTE mais chora que ri. Se ri, dificilmente  
sorri. Se ri ou sorri é por fora. Lá dentro, quase sempre  
chora.

DIFERENTE que ainda não aprendeu a ser INDIFE-  
RENTE, não sabe passar por cima das zombarias nem dos  
escárnios, nem do deboche, nem das garofas de que é al-  
vo... Ai! como tudo isto dói. E doendo, como sangra.

Ser DIFERENTE é carregar marcas irreversíveis...  
É trazer em si um mundo de sonhos, de castelos de amor  
— o amor impossível — prestes a explodir a qualquer  
momento, que é sempre recalcado. Rechçado para lá onde  
está toda a gama e a lama e a trama e o drama de seu ser  
de DIFERENTE. No fundo, sabe que é tudo irrealizável  
— como IRRECUPERÁVEL é a sua condição de EXCEP-  
CIONAL... IRRECUPERÁVEL! A mais crua. A mais du-  
ra. A mais terrível palavra para aquele que sendo DIFE-  
RENTE está plenamente cômico de sua EXCEPCIONALI-  
DADE.

O DIFERENTE vê desfilar, diante de seus olhos,  
diariamente, milhares e milhares de profissões, que nun-  
ca poderão ser a sua... De pessoas normais que aparecem  
na TV — na vida ordinária de cada dia, às quais ele nun-  
ca poderá igualar-se...

Diante de seu olhar de DESLUMBRADO tantas coisas  
que ele jamais poderá realizar. Poderá ao menos REALI-  
ZAR-SE?

O DIFERENTE, muitas vezes, quando anda pelas ruas tem um pensamento a persegui-lo: "EU SOU ANORMAL", e, quando tropeça, e quando pisa em falso e quando perde seu equilíbrio, pensa: "EU SOU ANORMAL"... TODOS SÓ TAM... TODOS VÊM... E LÁ VAI ELE, pela vida afora, carregando consigo todo o peso da sua anormalidade.

O desagradável de ser ANORMAL — EXCEPCIONAL — é que muita gente pára e olha, e comenta e ri e zomba e troca olhares... Às vezes fala...

E o DIFERENTE sente e vê tudo isto... Oh! Chatice de vida e de um DIFERENTE!

Coisa curiosa e estranha é quando dois DIFERENTES se encontram! Encontram-se e olham-se. Olham-se e entreolham-se. Que se passará nos abismos daquelas duas almas? Será que ambos têm a mesma compreensão da sua ANORMALIDADE? Que se passará em seus abismos interiores? Talvez um deles nem saiba que é DIFERENTE.

Talvez nem tenha o discernimento nem a perspicácia para saber "julgar-se". Mas se o outro percebe que tem diante de si um ser DIFERENTE — um irmão na dor — na sua mesma dor, muitas vezes lágrimas afloram-se aos olhos. Tem pena. Sofre na sua carne por aquele DIFERENTE que talvez nem sofra...

Para terminar, gostaria de colocar as palavras de Arthur da Távola, na sua crônica "OS DIFERENTES", que deu origem a esta. Palavras altamente consoladoras. Palavras luminosas. Palavras que só uma grande alma é capaz de dizer: "A alma dos DIFERENTES é feita de uma luz além. A estrela dos DIFERENTES tem moradas deslumbrantes, que eles guardam para os poucos que foram capazes de senti-los e entendê-los. Nessas moradas estão os maiores tesouros da ternura humana. Que só os diferentes são capazes de captar".

.....  
DO LIVRO

MEVITIVENDO, p. 150.

## O ENCONTRO

Foi em Brasília — verão de 79: ela conhece pessoalmente o primeiro “EXCEPCIONAL”. A ele se identifica. Além se tornara “DIFERENTE” da noite para o dia.

Alguém que fora atingido em sua integridade física.

“DIFERENTES” ou “EXCEPCIONAIS” ela já vira muitos: mutilados até em suas cadeiras de rodas, nos vários centros de recuperação do Rio e de São Paulo que frequentara.

Agora ela conhece de perto uma pessoa que tem (ou teve) problemas semelhantes aos seus. Um rapaz que ficara “DIFERENTE” já na idade adulta.

Alguém que, na sua carne, talvez carregasse todo aquele mundo de angústias de sua excepcionalidade. Ambos se tornaram “DIFERENTES”, depois de uma longa noite tenebrosa de um mês: “a noite da coma”. Ambos navegaram nas trevas durante o mesmo período. E ao acordarem, já eram “ANORMAIS” — dependentes (a princípio em tudo). Progressivamente foram-se reduzindo as dependências. Há ainda dependências.

Para ele: o andar. Para ela: a fala.

Estas as principais. NÃO AS ÚNICAS.

O conhecimento de K. foi o ponto alto — O CLfMAX — daquela temporada em Brasília. Para ela foi sem dúvida um enriquecimento. O ponto mais positivo, a experiência mais básica e fundamental.



Há aspectos existenciais que não se definem: não se explicam. Vivem-se apenas. Quanta coisa teriam para se dizer: experiências de suas vidas de “DIFERENTES”?

Quantas amarguras nas almas destes dois “EXCEPCIONAIS”? Quantas decepções na cura?

Na espera de uma cura definitiva que parece nunca mais chegar?

Quantas sabedorias com este encontro. Que significaria para cada um o primeiro encontro? Um amigo a mais? Ou um amigo “EXCEPCIONAL”?

Para ele talvez nada de especial significasse. Talvez ele nem refletisse na importância que o primeiro encontro tinha para ela.

Ela estava plenamente cônica da expressão daquele acontecimento: sentia fluir na alma daquele “DIFERENTE” uma ternura imensa. Uma afeição imensurável — toda a ternura e afeição que durante anos trouxera em si por seus irmãos “EXCEPCIONAIS”.

Agora, de repente, podia despejá-la em alguém lá pertinho dela. Em alguém com quem já tinha alguma intimidade, mínima que fosse. Em alguém que se sentava a seu lado à mesa. Em alguém que brincava de lambusar com creme de chocolate seu polegar.

Foi uma semana só: uma semana cheia de DEUS, para ela, que achava Deus naquele ser semelhante a si em muitas coisas.

Em ambos algo em comum: a “NOITE DE COMA”. Daí o peso da anormalidade que carregam — queiram ou não. Nem há como se desvencilharem.

Uma imensa diferença: o tempo do acidente de cada um.

Ele (dois anos). Apenas “engatinha” nas estradas da recuperação.

Ela (dezoito anos) na fase adulta, já calejada por tantas tentativas inúteis. Com tantas tentativas frustradas na longa trajetória da sua recuperação, hoje é uma cética.

Para ele a grande dificuldade (VISÍVEL) — a que certamente mais lhe dói: o andar. Para ela a maior dificuldade (NÃO A ÚNICA VISÍVEL) a que lhe mais dói: a fala.



Ela também não caminha livremente. Seu andar feio e inseguro, feito de muitas incertezas, traz as marcas de problemas. Enfarte? Derrame? Sabe-se lá quanta coisa mais pode parecer?

Tudo menos A PARADA CARDÍACA QUE OCASIONA A SUA HEMIPLEGIA DO LADO DIREITO, AGORA JÁ GENERALIZADA. Dificuldades totais na ordem motora refletidas no andar. Dificuldades em particular nas mãos (inquieta — nervosas — agitadas). Os braços abertos. Sensos. Dificuldades especiais na fala. Dificuldades irreversíveis que fazem dela um ser estranho que assusta crianças. Que a tornam para adultos — se desconhecidos — objeto de chacotas e risotas. Que fazem dela para adultos — se conhecidos — objeto de dó e pena. De comiseração numa palavra.

Sempre fora assim: ela já sabia. AI! A PARADA CARDÍACA: DAÍ A SUA “NOITE DE COMA”...

Ele fala arrastado — lento — devagar — diz tudo o que quer. Não lhe fora a fala arrastada. Não lhe fora a falta de movimentos do braço esquerdo (quase imperceptível). Não lhe fora o andar arrastado da perna esquerda, seria normal. APARENTEMENTE NORMAL. Era hemiplégico do lado esquerdo. Ferira a cabeça num acidente de trabalho. Ferira a cabeça do lado esquerdo naquele acidente: uma queda: AI! A QUEDA: DAÍ SUA “NOITE DE COMA”...

Nele um destes milagres da natureza. *Milagre inexplicável da natureza insondável. Um capricho da natureza:* Os centros nervosos, ao invés de comandarem o lado contrário, como é o normal. Ao invés de se cruzarem afetaram-lhe justamente o mesmo lado: CASO RARO. ÚNICO ENTRE MIL...

Nela, a operação de hérnia de disco. A PARADA CARDÍACA. A operação malsucedida. A operação fracassada. E ELA VIVA!!! UM MILAGRE DA NATUREZA. MILAGRE INEXPLICÁVEL DA NATUREZA INSONDÁVEL. UM CAPRICHOS DA NATUREZA: CASO RARO. ÚNICO ENTRE MIL...

A raridade e unicidade de seus acidentes fora sorte para ele. Para ela desgraça.

Ela tinha inveja dele, porque ele, tamborilava com os dedos na mesa.

Ele tinha inveja dela, porque ela podia nadar.

Ela tinha inveja dele, porque ele podia escrever. (Invejas confessadas).

Qual dos dois mais essencial à vida? Escrever ou nadar?

Naquela temporada, em Brasília, chovera todos os dias. Fora uma chuva só, incessante e enervante. Especialmente para ela que tanto queria nadar. Aquela Brasília encharcada não lhe proporcionou um único banho de piscina. Ela não nadou uma só vez. Ele escreveu quantas cartas quis.

Uma das coisas que ela mais lamentava em seu acidente, foi a perda da faculdade motora da coordenação, que lhe roubara a linda letra que tinha, de que tanto se orgulhava antes do desastre.

Escrever é uma tarefa diária. Nadar não: é um divertimento de férias — de dias de folga. Nunca uma obrigação diária. Pode-se viver sem nadar. Dificilmente vive-se sem escrever.

Coisa curiosa: ambos vêem o que lhe aconteceu com naturalidade. Ele, a traqueotomia — as três convulsões que sofrera. Ela, a parada cardíaca. A hérnia estrangulada (opera ou morre). E todas as seqüelas que tão bem conhecia. O milagre de estar ainda viva. Ele falava. Ela pensava. E pensando, sentia-se infeliz PORQUE AINDA ESTAVA VIVA.

Ele fora ao embarque dela, no Aeroporto. Lá dissera-lhe, talvez num último esforço para vencer a timidez natural:

— Cuidado! . . .”

Ela — “Com quê?”

— “Com nada. . .”

Ela sabia por experiência que por trás daquelas três palavras poderia abrigar-se um mundo de ternura que residia em sua alma e que só outro “EXCEPCIONAL” captaria. É um mundo que só os “ANORMAIS” SOFREM E CARREGAM.

Este mundo, os normais nunca o entenderão. Jamais poderão sintonizar com ele pelo simples fato de serem "NORMAIS".

Atrás daqueles olhos verdes dele, ela procura e encontra Deus.

Busca seu Deus e o acha. Fica radiante com a descoberta...

Que confidências os dois se trocariam. Trocam. Trocarão ainda?

Ela teria muitas coisas para contar-lhe de sua vida de "EXCEPCIONAL".

Que estranha força os atraía. Atrai. Atrairá ainda um para o outro senão a força incontida da mútua. Dolorosa. Sofrida. Incompreensível experiência de sua deficiência física? Faz deles semelhantes na mesma dor. Na mesma inexplicável fatalidade? No enigma que os atingira EM SUAS PLENITUDES EXISTENCIAIS?

## E P Í L O G O

Ao iniciar o livro quis dedicá-lo à classe médica. Minha falta de dados precisos — de conhecimentos seguros — técnicos — científicos — médicos me mostraram ser esta uma tarefa muito além de minha capacidade.

Não é à classe médica que este livro se endereça: a todas as classes. A TODAS AS PESSOAS quaisquer que sejam sua posição — sua profissão — seu grau de cultura.

Julgo meu estilo bem leve para poder ser lido por todos. Períodos curtos. Linguagem simples. Nada de muito profundo. Apenas coisas simples.

Peço que o leitor preste atenção especial, ao Capítulo VII: “A FALA QUE NÃO É FALA”. Nele está tudo: O PRINCIPAL, o motivo pelo qual ACHO que talvez jamais fique curada.

Não é um capítulo entre outros. É “O CAPÍTULO”. Aquele que por si só justifica este livro. Aquele que por si só daria para escrever outro livro. Nele está toda a trama de cada um de meus dias. DE CADA ESPERANÇA DESFEITA. Nele estão em germe — todas as consequências da falta de oxigenação cerebral provocada pela parada cardíaca. Nele a certeza de que há em meu cérebro alguma anormalidade. ESTA É A MINHA REALIDADE FÍSICA...

Outro Capítulo para o qual chamo a atenção do leitor é “ESTRANHA LITANIA”. Capítulo também essencial pelo muito que diz acerca de meu psiquismo. Nele condensei toda a CONSEQUÊNCIA PSÍQUICA DA PARADA CARDÍACA. ESTA É A MINHA REALIDADE PSÍQUICA...



Faço minhas as palavras. Muitas palavras de ARTHUR DA TAVOLA em seu artigo "HÁ 1015 CRÔNICAS". Artigo especial — um artigo entre mil. "O ARTIGO". Palavras que eu queria ter escrito. Mas que alguém antes de mim escreveu.

"Quanto mais se escreve, mais oportunidade há de se errar." Como ele também, eu me pergunto: "tenho sido repetitiva demais"?

"E depois: escrever é escrever. Escrever é lutar contra todos os estados de espírito pelos quais a pessoa passa... Escrever é passar por cima de inspirações... É atropelar vacilações. É conviver com dúvidas, medos e coragens existenciais... É cavalgar o próprio tédio. É tripular a esperança e a alegria sua e a dos outros, tanto quanto as tristezas e os desencantos.

Escrever é escrever... Afiar a forma. Desafiar as palavras. Excitar-lhes os sentidos. Namorar-lhes os contornos. Espreitar-lhes as sutilezas e os mil significados. Investigar-lhes as latências. É aprender a calar falando e a falar calando.

Escrever é perder o medo de si próprio e dos caminhos que impulsionam os dedos na percussão das teclas, chegando a momentos de total perda de domínio ante elas.

É varar distâncias. É encontrar pessoas sós, dispostas a um encontro solitário com a gente, sob forma mágica de uma presença escrita, misteriosa, abstrata, mas palpável, que permite a recriação por parte do leitor. É surpreender sua tristeza com a nossa. É dar as mãos e sair andando no jardim.

Escrever é viajar em silêncio. É machucar sem saber. É FAZER UM BEM QUE NÃO SE IMAGINAVA POSSÍVEL. É atenuar as próprias dúvidas. É expor-se. É VELAR, PENAR, PENSAR. É ser obrigado a sentir por si e pelos outros. É pedir licença. É errar. É querer permanecer acreditando. É esperar o dia seguinte. Escrever é teimar. É acertar muito pouco e, mesmo assim, continuar. É não gostar do que escreve E SE ASSUSTAR QUANDO GOSTAM. É temer idealizações. Escrever é um ato de amor feito tarefa. Compensar. Reparar. Olhar para dentro, implacável. Revolver passados. É envelhecer do meio para o fim do capítulo para renascer no seguinte.



Escrever é expor uma tela, sabendo que não entenderão pela pressa de leitura, pela ânsia do fim, pela cor mal colocada.

Sei lá... Queria fazer um balanço dos capítulos. Mas o livro saiu torto. Desabafante. Um tanto pretensioso. Cheio de meias tintas.

Como eu gostaria de poder pintar a óleo em vez de aquarela.

.....  
Acho que ele já disse tudo o que eu queria dizer

“MUTATIS MUTANDIS” são minhas as palavras de Arthur da Távola. Já está tudo dito — ou quase tudo. Talvez faltasse só uma pergunta: será que eu não explorei demais meu drama, em detrimento da possível beleza de uma vida? Da minha vida?

## Í N D I C E

|   |    |
|---|----|
| Prefácio .....                            | 9  |
| I. A Noite dos Mil Nomes .....            | 11 |
| II. Sessenta Dias no Hospital .....       | 14 |
| III. Minhas Manias .....                  | 17 |
| IV. Gente que não é Gente .....           | 20 |
| V. Marcos de Frustração .....             | 25 |
| VI. O Dom da Fala .....                   | 28 |
| VII. A Fala que não é Fala .....          | 31 |
| VIII. A Lenta Marcha da Recuperação ..... | 35 |
| IX. A Recuperação da Fala .....           | 38 |
| X. Primeiros Triunfos .....               | 42 |
| XI. Saídas .....                          | 45 |
| XII. Grandes Vitórias .....               | 47 |
| XIII. O Andar .....                       | 50 |
| XIV. O Andar de “Gabriela” .....          | 53 |

|               |                              |    |
|---------------|------------------------------|----|
| XV.           | Meus Pais .....              | 51 |
| XVI.          | Minhas Irmãs .....           | 57 |
| XVII.         | Viagens .....                | 60 |
| XVIII.        | Nada .....                   | 63 |
| XIX.          | Amizades .....               | 66 |
| XX.           | Hoje .....                   | 70 |
| XXI.          | Estranha Lítania .....       | 73 |
| XXII.         | Do Outro Lado .....          | 75 |
| XXIII.        | Eu e Meu Deus .....          | 78 |
| XXIV.         | O Mistério da Rejeição ..... | 81 |
| XXV.          | O Dia das Mil Graças .....   | 83 |
| <i>Anero:</i> | Os Diferentes .....          | 87 |
|               | O Encontro .....             | 91 |
|               | Epílogo .....                | 96 |

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EDIÇÕES LOYOLA  
RUA 1822 N.º 347 — TELEFONE: 63-9695 — SÃO PAULO